

RMS LPA PAR



Rebelião no Presídio Contra Regime da Fome e do Terror

COM a mesma facilidade com que resolveu nos canais de televisão o problema do fornecimento de água a Guanabara, o homem que recuperou 83 baterias no curto prazo de um ano de governo anunciou pomposamente, no início de 1961, que enfim estava resolvido o problema penitenciário no Estado, com um coordenador que nomeou especialmente para moralizar os presídios. A televisão divulgou a notícia.

PASSADOS alguns meses, comemorando um ano de moralizador governo das 322 realizações, 1.150 detentos do Presídio do Estado da Guanabara, na rua Frei Caneca, amotinaram-se, na maior rebelião de presos que a terra carioca já conheceu.

A REVOLTA já vinha fermentando há algum tempo. Diariamente caminhões descarregavam comida boa no presídio, e outros a levavam para fora, revendida. A que não prestava era servida aos presos, a não ser para os que dispunham de meios para dar uma gorjeta e receber comida saudável. O desvio de comida, em que está implicado o próprio diretor do Presídio, Vítor Mehry, não o respeitou nem as comemorações natalinas. Foi o estopim.

ENTRE as principais irregularidades apontadas pelos amotinados, figuram o regime de proteção aos que podiam distribuir gorjetas. Pagando uma mensalidade (Conclui na 7ª página)

BRASIL REAFIRMA: OPOSIÇÃO ÀS MANOBRAS IANQUES DE INTERVENÇÃO EM CUBA

Texto na 3ª pág.

NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA GUANABARA

ANO III - Rio de Janeiro, semana de 29 de dezembro de 1961 a 4 de janeiro de 1962 - N.º 151

João Amazonas, Grabois e Calil Chade Expulsos Das Fileiras Comunistas

Texto na 3ª página

Lutas e Vitórias

1961 foi um ano de grandes lutas e de importantes triunfos das forças amantes da paz, do progresso, da democracia e do socialismo em todo o mundo. Também no Brasil, em meio a duros combates, foi um ano de avanço do movimento operário, democrático e revolucionário.

NO AMBITO internacional, o ano que se encerra comprovou, com toda clareza, as grandes linhas de desenvolvimento de nossa época: o irremediável desmoronamento do imperialismo e o avanço triunfal do socialismo. Na União Soviética, o XXII Congresso do PCUS lançou as bases definitivas da edificação da sociedade comunista. Na América, a gloriosa revolução cubana deu início, pela primeira vez na história do Continente, à construção do socialismo, depois de haver repellido a criminoso agressão ianque. Na África e na Ásia, libertaram-se novos países que eram até então colônias das potências imperialistas. Enfim, apesar de todas as ameaças e dos graves riscos que ainda permanecem, não conseguiram os imperialistas lançar a humanidade nos horrores de uma nova guerra mundial: tiveram de curvar-se à vontade dos povos e à supremacia que, também no terreno militar, já pertence aos países socialistas. Os fatos sucedidos em 1961 deixaram patente que a humanidade está vivendo a mais radical e fecunda transformação de toda a sua longa história: a derrocada do capitalismo e o advento do socialismo e o comunismo.

cas fundamentais de nosso povo: a classe operária e o campesinato. Os movimentos operário e camponês adquiriram novas forças no ano que se encerra, o que se confirma através do elevado número de greves e de grevistas, do fortalecimento das organizações sindicais e das ligas e uniões camponesas, da realização de certames como o III Encontro Sindical e o Congresso Nacional de Lavradores, das sucessivas derrotas experimentadas pelos inimigos dos trabalhadores em entidades como a CNTI, etc. A luta pela reforma agrária é hoje uma exigência de milhões de trabalhadores do campo e da cidade e de todas as pessoas progressistas — exigência que terá de ser entendida, "na lei ou na marra", como advertiram os camponeses em seu histórico encontro de Belo Horizonte.

O PROCESSO democrático, que tem como seus principais sustentáculos os movimentos operário e camponês, adquire cada dia maior extensão e solidez. Os patriotas vão se convencendo de que só através da luta decidida contra a espoliação dos trustes norte-americanos e o entreguismo dos seus agentes, só através da efetiva realização de reformas de base e do respeito às garantias democráticas as massas serão possível alcançarem a verdadeira emancipação nacional. Nesse sentido, deve ser saudado como um acontecimento de mais alta significação o surrimento, no ano que encerra, da Frente de Libertação Nacional. Outro fato expressivo do avanço do processo democrático em nosso País é o amplo movimento pelo registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro, que tão grande receptividade encontrou em todos os círculos da opinião pública e se destina a converter-se numa importante conquista da democracia em nossa terra.

RESISTINDO por todos os meios às forças do progresso e da liberdade, obstinam-se, porém, os elementos retrógrados em impor à Nação os seus odiosos privilégios, o saque dos monopólios imperialistas, o atraso semifeudal do latifúndio, a negação dos direitos e aspirações das massas, o desrespeito à soberania nacional. É o que faz o atual Conselho de Ministros, presidido pelo sr. Tancredo Neves. É o que fazem governadores como os sr. Carvalho Pinto e Carlos Lacerda. Defendendo interesses que se chocam com os do povo e de toda a Nação, os reacionários e entreguistas submetem o País a uma política cuja consequência imediata é o agravamento das condições de vida das grandes massas, enquanto cresce desmedidamente a opulência para uma insignificante minoria.

1962 será, por isso, também um ano de lutas. Certamente, lutas mais árduas que as travadas em 1961. Mas, ao mesmo tempo, lutas que trazem consigo uma perspectiva mais segura de vitória. E com essa disposição, de lutar e vencer, que vemos desorientar-se o Ano Novo.

OS COMUNISTAS saudam todo o povo brasileiro pelo advento do novo ano. E formulam os mais ardentes votos de êxito nos combates que todos travaremos pela libertação de nossa Pátria e pela futura de nosso povo — um futuro de paz, liberdade, progresso e bem-estar.

PELOTAS ENVIA MENSAGEM AO SENADO: REMESSA DE LUCROS

COM a assinatura do prefeito municipal, dr. João Carlos Gastal abrindo a lista, centenas de destacadas figuras políticas, estudantes, operárias e populares de Pelotas, Rio Grande do Sul, subscreveram mensagem ao Senado de apoio ao projeto do deputado Celso Brant, já aprovado na Câmara de Deputados, que regia a remessa de lucros para o estrangeiro.

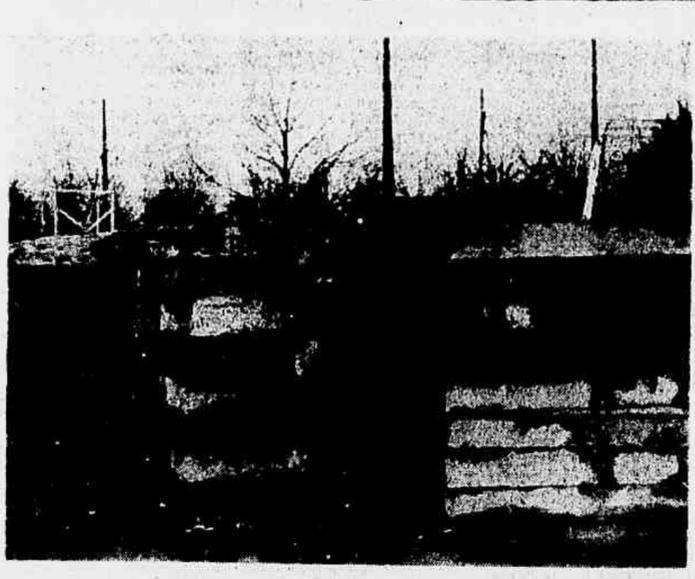
ALEM do prefeito de Pelotas, assinaram o documento o presidente e o secretário-geral da seção local do PSP, sr. Francisco Nunes de Carvalho e João Neves Antunes, onze vereadores, doze dirigentes sindicais, dirigentes das organizações estudantis e centenas de patriotas daquela cidade sulina.

Manifestações de Solidariedade a Prestes

CENTENAS de telegramas e cartas continuam chegando diariamente a residência do líder comunista Luiz Carlos Prestes, alvo de um atentado terrorista perpetrado na calada da noite, por um pequeno grupo de fascistas, estimulado pelo governador Carlos Lacerda. O Centro Pró-Melhoramentos do município de São Gonçalo, em sua última reunião, além de se solidarizar com o ex-senador Luiz Carlos Prestes, resolveu enviar um telegrama ao ministro da Justiça, protestando veementemente contra a quebra do respeito à propriedade privada e pedindo energias providências para que o fato não se repita.

MANIFESTAÇÕES no mesmo sentido surgiram de líderes das mais expressivas categorias profissionais de São Paulo, dentre os quais se incluem a dos metalúrgicos, bancários, ferroviários, padeiros e têxteis.

Berlim: Fronteira da Guerra e da Paz



Um muro divide Berlim. 40 quilômetros de pedra que já fizeram história neste mundo conturbado. Por que foi erguida essa barreira? Para quê? Para impedir as fugas? Para salvar a paz ameaçada pelos imperialistas e militaristas alemães e norte-americanos? Para evitar a ação dos sabotadores e provocadores? O câmbio-negro e a especulação? LUIZ GAZZANO, enviado especial de NR à Europa, conta na reportagem que está na 8ª página a história desse muro que é a fronteira da guerra e da paz.

Atentado Contra «Binômio»: Bando do General Fascista Deve Ser Punido

Texto na 3ª página

Os Quatro Mitos de Mister Gordon

Artigo de JOSUÉ ALMEIDA na 4ª página

Paraná e Minas Organizam Núcleos da FLN

Texto na 3ª pág.

A Mentira da Liberdade na Imprensa e na TV: EUA

Reportagem de Harold White na 5ª pág.



Trabalhadores de Todo o Mundo em Moscou

ENCERROU-SE em Moscou, no dia 16 do corrente, o V Congresso Sindical Mundial que reuniu cerca de mil representantes de trabalhadores de quase todos os países do mundo. O movimento sindical brasileiro esteve presente no conclave, o maior e mais expressivo até hoje realizado, com uma delegação composta de 50 membros. Embora convocado pela Federação Sindical Mundial, entidade que congrega 107 milhões de trabalhadores, o V Congresso reuniu, com direito a voz e voto, centenas de líderes de entidades filiais à CIOSL e à OBIT. Na foto, o primeiro-ministro Nikita Krushchev numa recepção aos líderes sindicais. Leia reportagem na 2ª página.

O Movimento Operário em 1961

Jover Telles

Estamos no limiar de um novo ano. Nestes dias finais de 1961, ao ensejo das festas natalinas e das comemorações com que se saudam o advento do Novo Ano, recendem-se no coração das pessoas simples do povo a esperança de um futuro melhor, de justiça e de felicidade.

As de São Paulo e a dos funcionários da Prefeitura de Niterói, revidadoras do quanto os métodos de luta da classe operária vão influenciando a ação de outros setores da população. A classe operária demonstrou nesses movimentos grande combatividade. Não permitiu que a política de "austeridade" do governo, que previa, inclusive, o congelamento dos salários, se tornasse, nesse aspecto, vitória. Aumentos de 30% até 60% foram conquistados pela maioria dos setores profissionais, e o salário mínimo teve de ser aumentado em mais 40%.

Instrução 204. Nesse sentido, desencadeou-se, então em todo o país, um amplo movimento de opinião pública e de manifestações populares.

AO LADO DE CUBA

Importante papel desempenhou a classe operária na luta contra a intervenção dos mercenários americanos em Cuba, realizada no mês de abril. Juntamente com os estudantes e com outras forças patrióticas e democráticas, os trabalhadores participaram de comícios, passeatas, assembleias e de outras manifestações, realizadas em todos os estados. A intervenção armada contra Cuba serviu para provar novamente que os inimigos do povo cubano são os mesmos inimigos do nosso povo e que a defesa da Revolução Cubana constitui, simultaneamente, uma ação concreta que leva ao impulsionamento da revolução em nossa terra. Acima de 60 dirigentes sindicais visitaram, neste ano, a "Pérola do Caribe" e puderam ver com seu brilho renovado passou a iluminar a ampla estrada da luta emancipadora e democrática dos povos da América Latina.

REVIGORAM-SE OS SINDICATOS

No curso dessas lutas fortaleceu-se a organização sindical dos trabalhadores. Novos comitês de operários passaram a compreender o valor dos sindicatos e ingressaram. Para somente citar alguns exemplos: o Sindicato dos Alfaiates, no Rio, teve suas fileiras aumentadas em 20%; o Sindicato dos Bancários atingiu a percentagem de 85% de associados em relação ao número de empregados existentes no Rio, e no Sindicato dos Metalúrgicos, nos últimos dois anos, ingressaram 10 mil novos sócios. Na capital de São Paulo entraram para o Sindicato dos Metalúrgicos 400 novos sócios, em média mensal e a organização sindical dos têxteis nesse Estado aumentou suas fileiras em mais 40%. Assim sucedeu também em outras entidades sindicais em diversos Estados.

Mas a principal batalha política verificou-se no curso dos meses de agosto e setembro. Nesses meses, os estudantes e democratas, os patriotas e democratas, os estudantes e operários, tiveram de pôr em jogo todas as suas forças para neutralizar e derrotar os intentos liberticidas dos imperialistas lanques e de seus "páus mandados" nativos visando paralisar o processo democrático no país, através da implantação de uma ditadura terrorista. Em virtude da luta das massas trabalhadoras, dos estudantes e demais forças patrióticas e democráticas do Exército e de outros setores do povo, é que foi possível derrotar os generais golpistas e assegurar a legalidade constitucional. Foi particularmente importante o papel do proletariado, embora ainda não tenha desencadeado todo o potencial de força de que dispõe, para conseguir a unidade, a ampliação e a consolidação do movimento de resistência. A deflagração de numerosas greves políticas — somente no Estado do Rio participaram mais de 130 mil operários — as manifestações de rua, a formação de milhares de comitês democráticos de resistência, o surgimento de centenas de batalhões patrióticos e o alistamento em massa de centenas de milhares de homens do povo dispostos a tomar das armas para lutar são uma comprovação de que se eleva rapidamente o nível de consciência política e revolucionária das massas. A derrota dos golpistas foi uma grande vitória de nosso povo. Estabeleceu premissas para um maior ascenso dos movimentos anti-imperialista, democrático e operário.

Composta com mais de 50 dirigentes sindicais, participou, em Moscou, dos trabalhos do Congresso Sindical Mundial, patrocinado pela Federação Sindical Mundial. Como se vê, o movimento operário no Brasil avançou e obteve vitórias. Não obstante isso, a situação de penúria dos trabalhadores continua agravando-se. A causa consiste em que o governo atual mantém, no fundamental, a política econômica e financeira do governo anterior. Enquanto demagógicamente fala sobre a necessidade de proceder-se às reformas de base e de realizar-se uma política independente, o governo envia mensagens à Câmara dos Deputados pleiteando nova e brutal elevação dos impostos, manda votar na ONU a favor de Salazar, contra a Índia e contra o movimento emancipador de Angola, ao tempo em que ordena ao representante do Brasil votar contra o ingresso da República Popular da China na O.N.U. e pela permanência nessa organização dos lobbies americanos de Formosa. Enquanto fala em democracia visando engabellar as massas o governo através de sua política, invade sindicatos, encarcera e espanca operários em greve, como aconteceu recentemente em São Paulo. E por isso que os trabalhadores passam, cada vez mais, a evitar que as reivindicações parciais que a luta por certas concessões, se converta em algo que se basta a si mesmo, pois vai-se tornando claro para todos que é urgente alcançar uma modificação qualitativa no Poder político do país, que é necessário lutar novamente pelas reivindicações parciais, mas também e principalmente pela formação de um governo nacionalista e democrático, governo de coalizão, representativo das forças patrióticas e democráticas, desde o proletariado até a burguesia ligada aos interesses nacionais, a fim de que os problemas de fundo, estruturais, sejam realmente enfrentados e resolvidos. Este é o sentido das resoluções tomadas pelo III Encontro Nacional de Dirigentes Sindicais.

Os trabalhadores entraram no Ano Novo mais unidos e organizados, mais experientes e portanto melhor aparelhados para enfrentar e vencer os novos combates. Os comunistas compreendem que o movimento operário elevou sua consciência política e exige dos dirigentes a fuga da rotina e uma posição mais firme e clara, mais de vanguarda das massas trabalhadoras. Os comunistas tudo fará para corresponder às novas exigências do movimento operário, patriótico e democrático. Ao mesmo tempo, os comunistas não permitem que os êxitos lhes subam a cabeça. Compreendem que se a derrota é muitas vezes a mãe da vitória, o contrário também é verdade. Tratarão, pois, de contribuir com novo vigor, mas sem cometer aventuras, para elevar o nível das lutas da classe operária e do povo, para enraizar os sindicatos nas empresas, para unificar nacionalmente os trabalhadores e para entrarem em cada vez mais na luta geral de nosso povo contra os imperialistas norte-americanos e contra os latifundiários.

Que a esperança de um futuro melhor, que neste fim de ano acalenta o coração dos humildes, se transforme em força atuante e redentora de nosso povo.

Realizou-se também o I Congresso Nacional dos Lavadores e Trabalhadores Agrícolas, o que constitui motivo de enorme satisfação para os operários que dele participaram através de uma delegação de mais de 100 dirigentes sindicais. O aliado principal do proletariado começa a movimentar-se, a fazer sentir seu peso no cenário político do país. A bandeira da luta pela reforma agrária vai passando para as mãos caledas dos camponeses que juntamente com os operários, são os principais interessados na sua realização conseqüente. E assim, a idéia lançada pelos comunistas no panorama político brasileiro vai adquirindo os contornos de uma força atuante que brevemente se tornará irresistível.

DERROTA DOS DIVISIONISTAS

Os senhores da CIOBL e da ORIT, neste ano, tudo fizeram para frear e dividir o movimento operário. Mancomunados com a alta hierarquia clerical, com Carvalho Pinto, Carlos Lacerda, com o grupo dos chamados "renovadores", e com outros grupos afins, realizaram três pseudo convenções operárias e um caricato "Encontro Interamericano de Dirigentes Sindicais". O "Rearmamento Moral", urdido com seu "Tigre-japonês, seus vaqueiros americanos e os dólares do Ponto IV, também intensificou sua atividade no Brasil. Porém, a comprovar a falência dessas forças, ai está a recente vitória dos trabalhadores sobre seus "páus-mandados" na CNT e na Federação Nacional dos Marítimos, bem como a



BRASIL

O Brasil enviou uma delegação de 54 membros ao V Congresso Sindical Mundial, realizado em Moscou. Vemos na foto alguns dos delegados brasileiros, entre eles José Roberto Delella, na primeira fila, e Geraldo Rodrigues dos Santos (chefe da delegação) e José Molinildo, na segunda fila.

Alguns dados: São Paulo — 22 delegados; Guanabara — 11; Minas — 4; Est. do Rio — 8; Espírito Santo — 2; Ceará — 1; Pernambuco — 1; R. G. do Sul — 1. Apenas duas mulheres, uma de Minas e a outra do Ceará.

Congresso da FSM Reúne em Moscou Trabalhadores de Todo o Mundo

Reportagem de Fany Tabak

MOSCÚ. Derrotar o militarismo e assegurar a paz para os povos, liquidar de uma vez por todas os restos de colonialismo ainda existentes no mundo, ampliar e consolidar a unidade do classe operária, em todos os países — eis as grandes questões debatidas em Moscou de 1 a 13 de dezembro no V Congresso Sindical Mundial.

Com mais de 130 milhões de trabalhadores de todos os continentes, estavam representados nos mil delegados presentes ao grande pavilhão de quase uma centena de diferentes países. Na maioria dos delegados da África, com seus trajes brancos e que atraiam, invariavelmente, a atenção de todos. Da América, vieram 219 e dentre eles, enorme foi o interesse despertado pelo Brasil, cuja delegação, pode dizer-se, foi a maior de todo o Congresso — 54 delegados. O Brasil perdeu apenas para a União Soviética, que era a dona da casa e para a Polónia.

Convidados especiais da UNESCO, da ONU, de organizações internacionais de jovens e das mulheres, observadores da CIOBL e de outros organismos não filiados à FSM — inclusive uma expressiva delegação da Alemanha Ocidental, de vinte diferentes cidades — tudo isso deu a este V Congresso Sindical Mundial uma amplitude e uma envergadura que é impossível diminuir.

Assurar a paz — afirmar os delegados do Congresso — significa antes de tudo, terminar com as guerras que ainda persistem. «O caminho da paz passa pela Argélia», disse um dos oradores. E o plenário aplaudiu de pé, prolongadamente, o representante dos trabalhadores argelinos, numa inequívoca manifestação de solidariedade ao heróico povo da Argélia, que há mais de sete anos sustenta uma luta desigual contra o colonizador francês. Numa das cenas mais emocionantes de todo o Congresso, Louis Saillant, presidente da FSM, subiu à mesa do presidium, ajoelhou-se e beijou o delegado argelino.

Q encontro dos trabalhadores em Moscou, dentro do quadro geral de uma situação política internacional caracterizada pelo recrudescimento das manobras militaristas das forças reacionárias, a serviço do imperialismo belicista, tornou possível uma tomada de posição das organizações sindicais de todo o mundo, no que se re-

feriu a escolha decisiva: paz ou guerra. A necessidade de firmar um tratado de paz com as duas Alemanhas — a República Democrática Alemã e a República Federal; o reconhecimento de ambas como Estados soberanos, a demarcação e o repúdio da proposta de criar uma zona desmilitarizada com a União Soviética ficaram guardadas ao papel triste de guarda-chuva em seu discurso ao Congresso — tudo isso mereceu aprovação unânime dos congressistas.

Nesse sentido, intervieram não só o delegado dos trabalhadores da Alemanha Oriental, mas também os representantes dos sindicatos da República Federal. Tanto uns como outros denunciaram o renascimento do militarismo alemão, a ação divisionista e reacionária dos dirigentes dos sindicatos de direita, cuja responsabilidade não pode ser negada, diante do perigo de uma guerra de destruição atômica.

1962 — COLONIALISMO VERÁ SEU FIM

Não há mais lugar no mundo para a dominação colonialista e o ano de 1962 verá o seu fim definitivo. Isso declarou na tribuna o representante do Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos, sob aplausos delirantes do plenário. E alguns dias mais tarde, numa outra sessão plenária o representante de Tanganica anunciava que seu país acabava de conquistar a independência.

Contra o jugo colonialista que oprime ainda os seus povos, manifestaram-se os delegados de Nova Guiné portuguesa, da Martinica, de vários países da África que exigem não uma independência formal mas o reconhecimento efetivo de sua soberania como nações.

O CAPITALISMO TORNO-SE COMUNISTA

A grande figura do Congresso foi, sem dúvida alguma, Nikita Kruschov.

Sua presença constituiu uma surpresa para a maioria das delegações. Mas quando se anunciou, pelos corredores e pelas bancadas, que Kruschov falaria ao meio dia, com um o corre-corre. Todos queriam ouvir o chefe do partido. E quando penetrou na imensa sala do plenário, acompanhado pela direção da FSM, o Congresso de pé diante vários minutos, aplaudiu o entusiasmado. Começaram então os hurraes e as saudações. A bandeira brasileira vibrou com um big que durou alguns minutos.

Conseguiu a falar em voz muito baixa, embora a pela emanação. Disse que compreendia que aquela ocasião espetacular estava dirigida para a classe operária socialista, que constituiria o socialismo e marcharia para o comunismo. Para o Partido Comunista, que a dirigia pelo caminho indicado por Lênin. Que não era senão a expressão do reconhecimento dos trabalhadores de todos as partes do mundo, representados naquele Congresso, pelo que significava a União Soviética, como o primeiro país socialista.

Dizem que costumou fazer propaganda — disse Kruschov. Sim, sou ser propagandista. Faço propaganda das ideias do marxismo porque estou convencido de que são verdadeiras. «Não nasci comunista e o capitalismo tornou-me comunista». E ainda acrescentou: «Sei que muitos que estão aqui nesta sala não são comunistas mas acredito que amanhã passarão a aceitar as minhas ideias».

Numa argumentação franca, objetiva, direta e incisiva, Kruschov fez as conclusões dos que protestam contra o início das experiências atômicas, por parte da União Soviética. Após estranhar que só se tivessem lembrado de protestar agora, contra a URSS e não contra as potências imperialistas, explicou que não havia outro caminho para deter o militarismo e convencionalismo que o campo socialista está preparado para defender-se de qualquer ataque, senão o de mostrar que possui bombas ainda mais potentes.

«Se nós lhes implorássemos de joelhos que parassem com suas explosões, rit-se-lam de nós», disse Kruschov. Sabemos que muitas pessoas se preocupam com o efeito das radiações na atmosfera — disse ele. Nós também nos preocupamos com isso. Mas de que serviria uma atmosfera pura se persistisse o perigo de uma guerra de destruição em massa?

SINDICATOS DE ASTRONAUTAS

Centro das atenções onde quer que apareça, Guernan Stepanovitch Titov provocou risos satisfeitos dos delegados, quando afirmou que provavelmente no próximo congresso da FSM compareceria como delegado e não como simples convidado.

PRESENÇA DO BRASIL

A presença de uma delegação brasileira, com 54 representantes sindicais de todos os países, despertou grande interesse.

FERROVIÁRIOS PREPARAM CONGRESSO LUTANDO POR UM AUMENTO DE 50%

Os trabalhadores ferroviários de todo o Brasil continuam sendo convocados a participar da discussão dos itens do temário do seu VI Congresso Nacional, que se realizará na cidade de Salvador, de 11 a 14 de janeiro próximo. A preparação do Congresso se desenvolve paralelamente a campanha dos ferroviários de todo o País, visando a conquista de um aumento de 50% nos seus ordenados.

Para tratar desses dois importantes assuntos, e debater também com os líderes da categoria as questões relacionadas com o movimento pela paridade salarial entre as ferrovias, tendo como base os ordenados do pessoal da Leopoldina, encontra-se em viagem pelo interior do País o dirigente sindical Rafael Martinelli, presidente da Federação Nacional dos Ferroviários.

ASSUNTOS EM DEBATES

O VI Congresso Nacional dos Trabalhadores Ferroviários debaterá, entre outros, os seguintes assuntos: 1) luta pela aprovação do Estatuto do Ferroviário e pela garantia de todos os direitos já adquiridos por todos os grupos de ferroviários do País; 2) direito de sindicalização para todos os trabalhadores ferroviários, inclusive os servidores públicos cedidos à Réde; 3) exame das questões relacionadas com a aplicação da Lei Orgânica da Previdência Social no IAPESP e análise dos pontos falhos da referida lei, para exigir a sua correção; 4) participação do ferroviário na luta pela reforma agrária

Viagem Moscou-Pequim

Com pedido de publicação, recebemos da comissão organizadora do sorcio "Viagem Moscou-Pequim" a seguinte nota: "Foi premiada com uma viagem a Moscou e Pequim o portador do talão 8089, número sorteado pela Loteria do Estado do Rio no dia 21 de dezembro último."



ABERTURA

Milhares de trabalhadores, representando mais de cem países, compareceram a capital da URSS como delegados ao V Congresso Sindical Mundial. O flagrante é da sessão de instalação do conclave, quando falava Louis Saillant, secretário-geral da Federação Sindical Mundial.

Os Quatro Mitos de Mister Gordon

Teoria e Prática
Apelo de Carvalho
O MUNDO CONTINUA AVANÇANDO

Josué Almeida

Em visita que vem de realizar a S. Paulo, o sr. Lincoln Gordon, atual embaixador dos Estados Unidos em nosso país, entre outros pronunciamentos, fez um a conferência no Concep de la As palavras de Mr. Gordon vêm merecendo boas da imprensa, em sua unanimidade, embora, assim, não se ultrapassar o nível de uma simples conferência que se prosterne diante do ilustre estrangeiro.

Outentando o título de professor de Economia Política da Universidade de Harvard, até que se poderia esperar de Mr. Gordon uma exposição em termos econômicos acerca dos temas sobre que se propôs falar. Mas não. O professor Gordon falou mais como cultor da política, da política do imperialismo norte-americano, naturalmente. Nas premissas nos determos, não consideramos perdas com a sua oração, o sr. Gordon entendeu de precaver as opiniões que expõem sobre problemas da atualidade brasileira. Para um diplomata, para um representante de país estrangeiro em nosso país, o que se deve esperar é pelo menos, que não interfira em nossos assuntos internos. O problema da remessa de lucros, por exemplo, acha-se em debate no país. Mais do que isso, acha-se sob a apreciação direta de um dos poderes desta República, o Legislativo. O sr. Gordon, porém, resolveu também dar sua opinião, e o fez em termos abertamente contrários a opinião da maioria dos deputados brasileiros (então já não como uma "democracia representativa, baseada em eleições livres") que aprovou o projeto sobre remessa de lucros. Se fossemos de fato um país livre, dentro de um "mundo livre" a que os imperialistas dão tanta ênfase — como o faz Mr. Gordon — em contraposição ao mundo socialista, por eles considerado um "infeliz mundo de trabalhos forçados" — então, o sr. Gordon já teria recebido mais que aplausos da chamada grande imprensa. No mínimo já lhe teria sido dito autoritadamente que não deve meter o beldêno onde não é chamado. Sucede, entretanto, que somos "uma democracia representativa baseada em eleições livres" e por isso o embaixador dos Estados Unidos da América pode intervir abertamente em seus assuntos internos e a concepção de liberdade, independência e soberania do imperialismo norte-americano.

co do café estiveram aumentadas apenas a lei da oferta e da procura, como se a desvalorização permanente nos últimos anos não fosse uma característica de todos os produtos primários. Se o preço do café estiverem sujeitos apenas a lei da oferta e da procura, então, durante a guerra, teria atingido níveis muito mais altos do que aqueles em que se manteve. Durante a guerra, como se sabe, o preço do nosso café foi artificialmente mantido pelo Estado Unidos em 13 centos a libra peso. Naquele momento dada a escassez relativa do nosso produto, seu preço deveria ter sido algumas vezes mais alto. Tanto isto e verdade que, uma vez desengatado o preço do café pelo governo de Washington, em 1945, foi ele recuperando o seu valor e apenas três anos depois, em 1948, já havia atingido os 27 centos por libra peso, continuando sua marcha ascendente, até atingir em 1954 o ponto mais alto.

Quem não se lembra da verdadeira indignação nacional nos Estados Unidos, quando o nosso café atingiu um preço compensador? Quem não se lembra da gritaria e das campanhas organizadas das donas-de-casa norte-americanas, da pregação no boicote da atrevida comissão presidida pelo senador Gillette, formada para investigar o terrível crime que cometeram porque comiam um pouco mais pelo nosso café?

O resultado é que, desde então, o preço do café foi sendo impulsionado para baixo. De pouco mais de 70 centos de dólar a libra peso caiu para sessenta e poucos, depois para cinquenta e poucos, depois para quarenta e poucos e atualmente está em 34 centos, isto é, menos de metade do valor de 1954.

O café estava caro em 1954? O sr. Gordon, por certo, dirá que sim, que a razão estava com o senador Gillette. Preferimos, porém, concordar com as sensatas palavras do representante do Conselho Internacional do Café, realizado em Rio de Janeiro, em junho do ano último, aqui no Rio. Disse ele que "se o café nascesse nos campos da Escócia, França ou Detroit, não custaria apenas 30 centos a libra peso, mas 5 dólares ou mais."

A verdade é que os Estados Unidos, através dos seus monopólios, inclusive as seis ou oito firmas norte-americanas que controlam virtualmente as exportações brasileiras de café, aviltam o preço de nosso principal produto para o exterior. E ao mesmo tempo, elevam os preços dos seus produtos de exportação — aqueles que importamos.

Segundo estatística oficial do Conselho Internacional do Café, a mesma quantidade de café Santos 4 que comprava uma quantidade 100 de produtos americanos exportáveis, em 1950 comprava apenas 41 dos mesmos produtos americanos. Hoje, compra 30 dos mesmos produtos americanos. Este fenômeno, chamado de deterioração dos termos de intercâmbio, dá-se precisamente porque há uma baixa dos preços dos produtos primários e uma simultânea elevação dos preços dos produtos manufaturados, dos países industrializados.

E o futuro do comércio com os países imperialistas, principalmente com os Estados Unidos, não se apresenta mais risonho para nós. Ainda segundo o referido estudo do Acordo Internacional do Café (a sua sede fica em Washington e não em Moscou...) a quantidade de produtos americanos que podia ser paga em 1960 com dez sacas de café, exigirá doze sacas em 1970, supondo que o aumento de preços dos produtos manufaturados seja de apenas 1,5% ao ano.

baseada nos artigos 32, 170 e 171 do Regimento Interno do Legislativo mineiro, deverão ser indicados para compor as seguintes deputações: Zélio Azevedo, Manoel Costa, João Navarro, João Belo e Frederico Fardini, não obstante o grande esforço do serviço de relações públicas daquela organização americana, tendo a frente o "plebeu" Odín Andrade, no sentido de impedir ou dificultar o seu funcionamento.

Acreditado-se que a Comissão Especial, tão logo seja convocada, passará a funcionar nos primeiros dias do mês de março quando serão reiniciadas as atividades legislativas.

E isso que Mr. Gordon pretende negar. Não falou, portanto, o professor de Economia, mas o político portavoza do imperialismo.

No entanto, para que fosse ao menos reticada essa tendência baixista do café, bastaria que os Estados Unidos se dispusessem a cumprir o que prometiam em 1945, quando entraram para o Convênio Internacional do Café, como maior consumidor do mundo — e atraindo para o futuro os seus socios, os outros países imperialistas. A promessa, segundo várias fontes, foi feita mesmo. Mas, cumprida, isto e outra coisa. Desde a Conferência de Punta del Este, o preço do café já sofreu novas e várias baixas, que representam para o Brasil e a América Latina um prejuízo de dezenas de milhões de dólares.

E a isso que Mr. Gordon chama um mito.

A SABOTAGEM A INDUSTRIALIZAÇÃO

"Depois há o mito dos esforços norte-americanos para retardar a industrialização brasileira a fim de manter os mercados de nossa própria exportação — disse o sr. Lincoln Gordon. Aquel, gostamos de contrapor as palavras do professor de Harvard as de outro professor, também de Economia Política, também norte-americano, da costa ocidental (ainda bem), o professor Paul Baran. Este último, um honrado homem de ciência, no seu livro "Economia Política do Desenvolvimento" (Fondo de Cultura Económica, Mexico-Buenos Aires, 1959, pp. 28-29), afirma, a certa altura: "As coisas pioram quando se trata do desenvolvimento econômico de países subdesenvolvidos. Ali um labirinto de dissimulações, de hipocrisia e de ficções, contínuo e controverso, requerendo-se um grande esforço para transpassar a cortina de fumaça que obscurece a questão central. O desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos e profundamente contrário aos interesses dominantes dos países capitalistas mais avançados. Abastecendo de muitas matérias-primas importantes os países industrializados e proporcionando a suas corporações grandes lucros e possibilidades de inversão, o mundo atrasado sempre foi o hinterland indispensável dos países capitalistas altamente desenvolvidos do Ocidente. Daí que a classe dirigente dos Estados Unidos e de outros países oponha-se amargamente à industrialização dos chamados 'países fontes' e ao surgimento de economias industriais integradas nas regiões coloniais e semicolônias. Esta oposição aparece independentemente da natureza do regime existente no país subdesenvolvido que procura diminuir a pressão estrangeira sobre sua economia e de tomar medidas para o seu desenvolvimento independente. Seja um governo eleito democraticamente como na Venezuela, Guatemala ou da Guiana Britânica, um movimento popular autêntico (como em Quênia, nas Filipinas ou na Indonésia) ou uma administração nacionalista (como no caso do Iraque, Egito, ou Argentina) que se oponha ao domínio estrangeiro de seu país, todas as alianças — a intriga diplomática, da pressão econômica e da subversão política são postas em jogo para derrubar o governo nacional recalcitrante e substituí-lo por políticos que estejam dispostos a servir aos interesses dos países capitalistas."

"A resistência das potências imperialistas ao desenvolvimento econômico e social dos territórios coloniais e dependentes torna-se ainda mais desesperada quando das aspirações populares a uma libertação social e nacional se expressam sob a forma de um movimento revolucionário que, apoiado ou vinculado internacionalmente, ameaça derrubar toda a ordem econômica e social do capitalismo e do imperialismo. Em tais circunstâncias, a resistência recrudescerá ao formar-se uma aliança contra-revolucionária de todos os países imperialistas e de seus aliados de confiança, assumindo a forma de uma cruzada sistemática contra as revoluções nacionais e sociais."

Estas palavras retratam por inteiro a realidade da política norte-americana em relação aos países subdesenvolvidos e, em particular, relativamente à América Latina. E sabido que Washington despejou e continua despejando bilhões e bilhões de dólares na Coreia do Sul, no Vietnã do Sul e em outras áreas onde o movimento de libertação

nacional e mais forte. No entanto, não é a Coreia do Sul quem dá ao mundo um exemplo de esforço e de exatidão no caminho da industrialização e do progresso, mas sim a Coreia do Norte, onde a produção de aço per capita, por exemplo, é maior do que no Brasil. Não é o Vietnã do Sul e sim o do Norte, já citado da oposição imperialista, que conhece um surto extraordinário de progresso e desenvolvimento industrial. O Iraque e o Paquistão, por exemplo, são memores ativos do mundo livre, acorrentados aos Estados Unidos por pactos militares. Mas, quem já ouviu falar de alguma grande indústria — uma usina siderúrgica, por exemplo — no Iraque, que, não obstante, é um dos maiores produtores de petróleo do mundo? Ou no Paquistão, que é o maior produtor de algodão do mundo? Ou nos americanos, não são não construíram ali indústrias empecadoras, como impedem que elas possam ser construídas, sempre que contam com meios para isso.

Em volume, a "Ajuda" americana à Índia, é talvez maior que a ajuda da União Soviética. Mas, os indianos não comem trigo produzido na URSS e não da "ajuda" da URSS e não da "ajuda" da URSS. Por que? Porque os Estados Unidos em vez de facilitar, dificultam a industrialização da Índia, mesmo quando há um perigo tão grande como o exemplo da vizinha República Popular da China, que avança a largos passos no caminho da industrialização.

Em relação ao Brasil — para não falar na Bolívia, na Venezuela, no Paraguai, no Equador, na Colômbia, em Cuba de Batista, etc. — os investimentos americanos são preferencialmente em setores não básicos, na produção de quinquilharias ou no comércio. Mesmo no caso da indústria automobilística, verdadeiro maná para o capital estrangeiro, em geral, as duas maiores empresas — a Ford e a General Motors — não se decidiram a abrir fábricas aqui, e produzem somente motores a gasolina e não a Diesel, depois que perceberam que não se venderiam no mercado brasileiro para outros empregos, principalmente as alemãs.

Mr. Lincoln Gordon omite, ainda, outro fato importante: a economia norte-americana está a braços com um crescente número de desempregados, fenômeno a que o presidente Kennedy chamou de trágico paradoxo do nosso tempo. Suas indústrias trabalham em regime de subutilização, produzem abaixo da capacidade. E um mal da própria essência do imperialismo que o acompanhará e cada vez mais próximo, até o fim. E certo que nada disso convence aos capitalistas anques, para os quais o que vale é o lucro, pouco importante que provenha de fábricas instaladas no seu próprio país, ou de empresas que funcionam no estrangeiro, desde que não, automaticamente, a mão-de-obra americana que seria necessária se as empreitadas estivessem nos Estados Unidos. De outro lado, porém, há a tonada de posição dos operários norte-americanos, os quais — como recentemente aconteceu em Miami, na reunião da AFL-CIO — pedem que os capitais americanos sejam invertidos lá mesmo nos Estados Unidos.

Enfim, trata-se de um problema (insolúvel) do próprio imperialismo americano, mas existe. Não é um mito, como pretende Mr. Gordon...

ESTABILIZAÇÃO NO ATRASO

"Outro mito curioso diz que o apelo dos Estados Unidos aos esforços de estabilização monetária da América Latina pretende servir a alguns interesses egoísticos norte-americanos" — diz, ainda, Mr. Gordon, sendo uma pena que não precisasse de que interesse egoístico se trata. Evidentemente, ninguém que se preocupe realmente com os interesses do povo pode defender o desenvolvimento inflacionário, tipo Kubitschek. A inflação é uma política de redistribuição da renda nacional em favor das classes possuidoras e de empobrecimento das massas, antes de tudo dos trabalhadores. Os nacionalistas brasileiros defendem uma política econômico-financeira que conduza ao desenvolvimento — e portanto à industrialização — do Brasil, sem o apelo aos jorros de papel-moeda, mas buscando recursos em outras fontes: internamente, mediante a forte tributação dos altos lucros e das altas rendas e externamente através de empréstimos àqueles países que desejem fazê-los nas

condições mais favoráveis ao Brasil.

Sera este o tipo de estabilização a que se refere o sr. Gordon? Desgraçadamente, os povos da América Latina, ao tem conhecimento de um tipo de "estabilização", precisamente aquele imposto pelo Fundo Monetário Internacional, pouco mais que escode um a agência financeira dos monopólios americanos, controlada e dirigida de Washington e em Washington. E que frutos tem dado esta "estabilização"? Apenas um exemplo: o do Chile. Ali, a "inflação" foi o resultado da produção nacional de bens e serviços, em um ano, assimilaro decréscimo permanente: para um índice de 103,1 em 1956, caiu para 98,2 em 1959 e para 84,0 em 1958. Não é difícil de compreender o que representa para um país pobre a diminuição da produção, ao lado do aumento da população.

Não se trata, portanto, ainda aqui, de um mito, mas de um fato bem palpável e indesejável.

A REMESSA DE LUCROS

Eis que chegamos, finalmente, "ao" mito referente a remessa de lucros para o exterior por investidores estrangeiros, assunto tão discutido nas últimas semanas. O sr. Lincoln Gordon desce em cheio no assunto e se sente bem informado, associado aos conhecidos números da SUMOC, tão conhecidos quanto descreditado. Retribuído a gentileza do embaixador norte-americano, vamos recorrer a fontes do seu país, sobre a mesma questão, melédo, a isso, também preferido pelo então embaixador Moreira Sales, atual ministro da Fazenda do sr. Tancredo Neves. Em sua edição de 13 de março do corrente ano, a bem informada revista U. S. News & World Report, na página 112, trata dos investimentos americanos no exterior nos últimos 10 anos, de 1951 a 1960. No período citado, segundo a revista que Mr. Gordon não há de querer desacreditar, as companhias americanas mandaram para o exterior 12,2 bilhões de dólares em fábricas, equipamentos, etc., ao passo que entraram nos Estados Unidos 21,3 bilhões de dólares sob a forma de dividendos, juros e lucros de inversões no estrangeiro.

Assim, a afluência líquida de dólares para o país nos últimos dez anos foi de cerca de 9,1 bilhões de dólares.

E certo que isto se refere a todas as investimentos privados, nos quatro cantos do mundo, principalmente na Europa Ocidental. Mas, será difícil encontrar quem acredite que as dificuldades opostas a remessa de lucros para os Estados Unidos sejam maiores no Brasil do que na Inglaterra, França, Itália, Alemanha, etc. Pelo contrário, sendo maiores as facilidades no Brasil, o lucro e que, em termos relativos, tenhamos sido mais saqueados pelos americanos do que os países desenvolvidos.

REMESSAS INVISÍVEIS

O sr. Lincoln Gordon não dá de fazer a SUMOC a exigência de incluir em seus balanços aquelas remessas de lucros feitas clandestinamente. O embaixador americano, por exemplo, jamais pode encontrar entre o número que escolhe para sua exposição, os 3,7 bilhões de dólares (ou 37 milhões de dólares ao câmbio de 100 cruzeiros, vigente na época) de lucros remessados pela "Esso", em 1960 segundo denunciado documentalmente feita pelo vice-presidente da Câmara dos Deputados, sr. Cláudio Lemos, do PSD de Pernambuco. Ou acreditará o sr. Gordon que a "Esso" nada remeteu para o exterior, para os seus acionistas nos Estados Unidos, conforme declarou?

Seria útil, também, para esclarecimento do sr. Gordon, que lhe fossem prestados os estudos realizados pelo Escritório Comercial do Brasil em Nova Iorque, segundo os quais entre 1951 e 1953 os prejuízos do Brasil ascenderam a mais de 224,5 milhões de dólares no intercâmbio comercial com os Estados Unidos. Esse montante foi descoberto simplesmente confrontando as cifras da Delegação do Tesouro Brasileiro em Nova Iorque com as cifras do governo americano. Os nossos números, os mesmos de que se vale a SUMOC, eram inferiores em 224,5 milhões de dólares, contra o Brasil... Por isso é que neste particular, preferimos as estatísticas americanas. E certamente, pelo mesmo motivo e que o sr. Lincoln Gordon preferiu as estatísticas da SUMOC...

1961 deixa um imenso saído positivo.

Ha cinco anos, o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética debateu e definiu as características novas da nossa época de transição do capitalismo ao socialismo. E o ano que se escolheu não apenas continuou a confirmar a validade das teses sobre a possibilidade real da coexistência pacífica entre Estados de diferentes sistemas sociais, sobre a força de hoje dispõem os povos para impedir uma nova guerra mundial e sobre a existência de novos e diferentes caminhos para o socialismo; mostrou também que os grandes fenômenos de nossa época — o avanço do socialismo e o desmoronamento do sistema colonial — passam a processar-se em ritmo novo e acelerado.

Na verdade, os atacadores da guerra fria e de um incendio universal em torno de Berlim, tiraram-se forçados a recuar das posições de força para o terreno realista das negociações. A advertência pacífica mais calorosa das bombas limpas de 50 megatons foi, paradoxalmente, como uma aragem fresca nos cérebros escaldantes dos ultra-reacionários e incendiários de guerra.

E continuaram ruindo os muros rotos da velha prisão do colonialismo. Em 60 e 61, cerca de meia centena de novos Estados desligaram-se das velhas metrópoles — e em diferentes graus de soberania, abriram sua rota independente. Em particular, a Argélia heróica continuou a queimar, nas chamas de sua guerra justa, o prestígio, a força e a estabilidade política dos governos e das classes dominantes da França. Os colonialistas belgas e seus cúmplices estão sendo varridos do Congo. No Laos, abre-se uma era de paz e independência para o povo. E a Índia e a Indonésia estão apagando a mancha das velhas opressões coloniais que restam no sul e no sudeste da Ásia.

E o norte é que nossa América está presente nessa marcha emancipadora. Na Guiana Inglesa, com a eleição de Jagan, o povo marcou a fase final da vergonha do colonialismo em nosso continente. Cortou-se, com os Trujillos, um dos tumores virulentos de reação aberta, através da dependência crua ao imperialismo norte-americano. E no mais jovem país socialista — que é também o 1º Estado socialista da América — o povo cubano unido e consciente esmagou a invasão armada organizada em Washington, desmascarou os setores belicistas do governo Kennedy e viu elevar-se a novos níveis a solidariedade ativa e ardente das nações latino-americanas.

Na vida de nosso povo, abriu-se também uma era diferente. A crise político-militar de agosto/setembro incorporou, de chofre, massas imensas de nosso povo à vida política, à análise e ao julgamento da conduta de governos e partidos, e ao debate dos problemas nacionais e de suas soluções. Ela mostrou que, nos momentos decisivos, o que decide é a presença viva das massas trabalhadoras, com sua força organizada, seu alto nível de consciência, sua firmeza, suas formas de luta próprias. De agora em diante, os acontecimentos políticos medir-se-ão, em boa parte, à base do velho e do novo que nos vêm de antes, e depois de agosto. Em consequência, 1962, terá seguramente de ouvir, no debate das soluções para os problemas de nossa Pátria — que são inseparáveis dos problemas de nosso povo — não apenas o diálogo entre velhos e novos setores das classes dominantes. Terá que ouvir a voz do novo da classe operária, organizada, das massas camponesas em curso de mobilização, da intelectualidade combativa, da média burguesia, e demais setores progressistas que já não se deixam cegar pelo medo das massas e do progresso social.

Isso, porém, marca 1961 apenas em nossa história. Há, no entanto, algo grandioso que grava o ano de 61 na história de toda a humanidade.

Ha 44 anos, com o Poder socialista e os decretos da Paz e da Terra, o 7 de novembro de 1917 marcou o começo do fim das classes exploradoras. Agora, 1961 marca o começo do fim do velho ciclo de 8 a 10 mil anos que manteve o domínio das sociedades de classes — e abre as portas do futuro imediato e cheio de sol do Comunismo. E ficará assim, para todo o sempre, com o início simbólico da história real do homem sobre a Terra.

Caminho Pacífico e Luta Armada

Amaro Valentim

Em artigo anterior, externamos algumas observações sobre a possibilidade real de tornar vitoriosa a revolução brasileira por via pacífica. Alcançar o poder pacificamente é o desejo dos comunistas e das forças patrióticas e antimperialistas que lutam para estabelecer um novo regime político e social que modifique a base econômica que dá origem ao atual estado de coisas que atormenta a grande maioria do povo brasileiro e entrava o desenvolvimento independente do país. Estamos convencidos que a solução pacífica para esses problemas é a que mais convém às forças revolucionárias. Mas a efetivação da revolução por via pacífica não depende só do desejo das forças patrióticas e progressistas. O processo histórico da revolução em diversos países demonstra que os reacionários antes de abdicarem de suas posições resistem ao máximo. Tal resistência pela permanência no poder tem chegado ao ponto de colocar as forças revolucionárias num dilema: tomar o poder pelas armas ou deixar que as classes reacionárias esmaguem o movimento revolucionário. Frente a essa complexa situação, os comunistas têm orientado firmemente o povo a empunhar armas para tomar o poder das classes dominantes e retrógradas. Assim sucedeu na China, Rússia, Cuba e outras Nações.

Os comunistas brasileiros, ao defenderem a viabilidade do caminho pacífico, em hipótese alguma são unilateralistas. Consideram justo e necessário preparar as mas-

as para levar a cabo a revolução social pacificamente, ou não. O que desejamos é fazer a revolução, caso as forças reacionárias imponham ao nosso povo a luta armada, sendo as condições objetivas e subjetivas favoráveis, não vacilaremos em nos colocar à frente do povo e, através da insurreção armada, lutar para conquistar o poder, como já fizeram os comunistas em várias partes do mundo. A questão da vitória da revolução por via não pacífica está prevista em nossa tática política. Reconhecemos que a insurreção armada é uma forma de luta comprovada na prática pela experiência histórica do movimento operário internacional. Quanto ao caminho pacífico para o proletariado chegar ao poder, e uma possibilidade real, mas ainda não comprovada pela prática da vida. Para transformar essa possibilidade em realidade muito teremos que fazer. O fundamental é compreender que vivemos numa época histórica internacionalmente nova em que as conquistas prodigiosas do sistema socialista e as atuais condições internas de nosso país asseguram plenamente essa possibilidade de desenvolvimento pacífico: para que ocorra essa previsão é imprescindível a elevação da consciência revolucionária dos trabalhadores das cidades e do campo, unidos nos mais diferentes tipos de organizações, afastados da influência dos reacionários e demagogos e, no processo da luta cotidiana por suas reivindicações, dar-lhes a convicção da sua força e da necessidade de fazer a revolução. E indispensável entender que o movimento revolucionário no Brasil está se processando em marcha acelerada e que a revolução é um salto qualitativo desse movimento revolucionário de acumulação de forças quantitativas em evolução. Essa acumulação de forças evolui para uma mudança de qualidade que se realiza através do salto à revolução. Partindo desse princípio da dialética marxista, os comunistas brasileiros, ao considerar viável a pos-

sibilidade das forças revolucionárias chegarem ao poder pacificamente, reconhecem ao mesmo tempo que os inimigos do nosso povo, em desespero, poderão criar uma situação que, ao invés da solução pacífica, a revolução teria que ser solucionada pela luta armada. Isto significa que as forças revolucionárias devem se preparar para utilizar se necessário qualquer das duas possibilidades para a vitória da revolução brasileira: a pacífica ou a insurrecional. Razão porque os comunistas se esforçam para se capacitar a utilizar todas as formas de luta, inclusive a luta armada, como a forma mais elevada da luta de classes. Os bolcheviques durante os meses de fevereiro a julho de 1917 lutaram incessantemente para levar a efeito a revolução socialista na Rússia por via pacífica. Mas a traição dos asseristas e mencheviques fortaleceu o governo provisório de então que, desesperado, colocou o Partido dos comunistas na ilegalidade, empastelou os jornais democráticos, derramou o sangue dos operários na via pública, enfim, liquidou com as mínimas liberdades democráticas existentes no país. Nessas condições, deixaram de existir as possibilidades da vitória pacífica da revolução. Os bolcheviques, forçados por essas contingências, levaram o povo a pegar em armas para tomar o poder, o que sucedeu em outubro do mesmo ano. A mudança rápida da tática do desenvolvimento pacífico para a utilização com êxito da luta armada pelos bolcheviques russos é uma grandiosa experiência do movimento comunista internacional no sentido do emprego acertado de todas as formas de lutas de classe. Mas, essa vitória dos bolcheviques só foi possível, entre outras coisas, porque o acúmulo e evolução das forças revolucionárias foi de tal porte que diante de uma nova situação os bolcheviques tiveram condições de adotar a forma mais alta de luta de classe. A crise político-militar de agosto último em nosso país mostrou quanto elevada a força do movimento patriótico e antimperialista no Brasil. A derrota política dos golpistas e

a grande vitória da democracia revelou que o povo organizado e a luta de massas, elevada a um nível superior, têm possibilidades reais de infligir derrotas de maior profundidade nas atuais classes dominantes, afastando do poder os reacionários e agentes do imperialismo, e construir um novo regime com a participação das forças patrióticas e progressistas, capaz de realizar as transformações econômicas e sociais exigidas pelo atual desenvolvimento histórico. As condições indispensáveis para a vitória da revolução, que amadurece com certa rapidez em nosso país, precisam ser criadas concretamente pela ação conjunta das forças revolucionárias, particularmente pelos comunistas, vanguarda do proletariado e que têm a missão de orientar acertadamente em qualquer situação histórica a luta revolucionária do nosso povo. Assim, conquistar um governo efetivamente democrático e nacionalista para nossa pátria, colocando-a no curso do desenvolvimento independente com um passo indispensável para um curto período histórico marcharmos para o socialismo.

Assembléia mineira vai apurar atividades da Hanna

Apesar do empenho de pequeno grupo de deputados à Assembléia Legislativa de Minas Gerais (Manoel Costa, Celso Mota e outros), continua na ordem-dia o problema da constituição de uma Comissão Interna Especial para apurar as atividades da Hanna Cor. Inicialmente pensou-se na formação de uma comissão de Inquérito. Entretanto, em virtude do trabalho que vem sendo feito pelos parlamentares que fazem o jôgo da Hanna, principalmente o Sr. Manoel Costa, do PSD, não foi possível a aprovação dessa medida.

Para a Comissão Interna, praticamente organizada, e

NOVOS RUMOS
Diretor: Maria Alves
Editor: José Carlos de Oliveira
Colaborador: Bráulio Jurema
Redator: Cláudio Frazão
Gráfica: Gráfica Cavalcanti
Rodrigo Av. Rio Branco, 257, 12º andar S/1111 - Tel: 43-1311
Gratuito Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/803
STUBSAL DE S. PAULO
Rua 13 de Novembro, 228
8º andar S/872
Tel: 53-0433
Editoração: Edições Novos Rumos
ASSINATURAS ANUAIS:
Ano I R\$ 200,00
Semestral R\$ 100,00
Trimestral R\$ 50,00
Número avulso R\$ 10,00
Número avulso R\$ 10,00
ASSINATURA ANUAL:
Ano I R\$ 1.500,00
Semestral R\$ 750,00
Trimestral R\$ 375,00

Camponeses Fluminenses Repelem Constantes Ataques Dos Grileiros

Os grileiros do Estado do Rio vêm ultimamente intensificando a campanha contra os lavradores e posseiros, com a conivência de algumas autoridades policiais, fato que tem provocando revolta entre os trabalhadores agrícolas, que em alguns casos estão recorrendo inclusive a luta armada.

Como em todos os demais Estados, os grileiros utilizam títulos forjados para através de negociações na Justiça obter decisões que possibilitem o despejo dos possuidores das terras.

Contudo os camponeses não estão mais dispostos a curvar a cabeça e abandonar o que é seu pois estão fortalecidos a sua resistência como bem demonstram os recentes acontecimentos em São Lourenço, quando o oficial de justiça e o soldado, destinados para despejar os lavradores foram re-

cebidos à baía. O Governo do Estado foi obrigado a desapropriar as terras a fim de evitar choques mais graves.

INCENDIARIOS

A luta prossegue em vários pontos do território fluminense.

No município de Itaboraí, o grileiro Arno Junqueira mantém 30 jagunços armados com o objetivo de se apoderar das terras do Estado, terras atualmente ocupadas por grande número de camponeses.

Com o auxílio da polícia, esses jagunços cometeram, há pouco tempo, uma série de arbitrariedades, queimando casas e sítios, chegando mesmo a mandar para a prisão três lavradores que se opuseram a suas violências.

Diante dos protestos gerais das populações vizinhas, as autoridades supe-

riores tiveram de demitir o delegado que permitia a prática desses crimes.

GOLPE

No Engenho D'Água um grileiro adquiriu, há muitos anos, 3 alqueires de terra. Agora, depois de muito lutar e mexer, apressou com uma papetaria querendo transformar os 3 em 50 alqueires.

Não esperava, entretanto, a resistência dos lavradores, agora organizados em sua Associação, cuja ação vem impedindo a realização dos planos dos grileiros.

VITÓRIA

Lavradores de São João da Barra, na Fazenda do Lago, acabam de alcançar uma grande vitória depois de muitos anos de luta.

O governo do Estado desapropriou as terras e já se prepara para realizar em comum acordo com a Federação das Associações de Lavradores um estudo para o seu aproveitamento.

Mas isso não impediu que os grileiros, sabedores das intenções do governo, incendiassem algumas casas.

Estado do Rio Deane, no município de...
EXITOS

Uma vitória delineia-se na luta dos lavradores e posseiros das terras de Rio das Ostras, cujo processo de desapropriação já se encontra nas mãos do governo.

Os camponeses de Itaboraí, no Município de Santa Alice, com a ajuda de outros lavradores, principalmente de Paulo Lobo, conseguiram expulsar do local cerca de 50 policiais armados, inclusive de mitralheiras. Uma comissão de lavradores dirigiu-se ao presidente da República pedindo energias providências de vez que se trata de terras do INAC.

Em Cachoeira de Macacu, depois da saída do aventureiro Mariano Lacerda, agente do ponto IV e da URIT, volta a normalizar-se a situação com a ajuda do Plano Agrário, e da Associação do Segundo declinação do



GREVISTAS
Grupo de trabalhadores em molinos que participaram da greve pela conquista de suas reivindicações.

Cid Sampaio Defende Truete do Trigo: Violências Contra a Greve Dos Moageiros e Padeiros

Desde o início do movimento o sr. Cid Sampaio interveio militarmente contra os operários, com o pretexto de defender os panificadores de depredações (mas não havia). Essa intervenção policial chegou ao despejo de centenas de soldados ocuparam militarmente o quarteirão em que está localizado o Molino Recife, burlando a proibição de entrar no distrito de Moagem.

Grande número de viaturas da Polícia Militar e da Radiopatrulha conduzindo centenas de soldados, desfilaram pela violência uma massa compacta de operários que, impiedosos, não permitiam a retirada da farinha de trigo.

A violência policial chegou ao absurdo de jogar as viaturas contra os grevistas, quebrando cadeiras do Sindicato e ferindo alguns trabalhadores indefesos e desarmados. Os grevistas, em inferioridade, não tiveram condições de resistir ao vandalismo policial praticado pelo governador Cid Sampaio, arbitrariedade que indignou toda a faixa do campo dos donos de padarias com carros e pessoal próprio, guardados pela polícia, depois de seis (6) dias de greve, conseguiram assim, retirar a farinha de que necessitavam.

Os caminhões salam protegidos por soldados embaixados em cima da carga, e acompanhados por um carro da Radiopatrulha. Indignados, os trabalhadores viajavam a polícia e os proprietários de padarias. Foi sob essa pressão policial que a Justiça do Trabalho julgou o dissídio coletivo dos operários do Molino Recife em separado, o que significou dividir: para os grevistas, nestas condições, os trabalhadores aceitaram a decisão da justiça com uma majoração salarial que varia entre 20 e 25 por cento de aumento, e o compromisso dos grevistas não serem punidos. Assim, terminou o movimento paralisista.

Os patrões, através de seus porta-vozes, propagavam que a greve deflagrada pelos operários do Molino Recife e padarias foi um fracasso total. Essa versão patronal objetiva desmoralizar o direito de greve, assegurando aos trabalhadores e desarmando para suas lutas futuras. Nessas condições, estimulam a repressão do pessoal do Molino Recife, da pessoal do Sindicato dos trabalhadores em padarias.

Mas, os grevistas utilizam seu movimento levando em conta outros fatores: a greve não obteve maior êxito em consequência da intervenção policial do governo Cid Sampaio, intervenção a favor dos patrões e do truete imperialista do trigo, que empurra a custa da exploração do nosso povo. Sem a intervenção policial contra os operários, a greve teria prosseguido por mais tempo e seus resultados seriam outros. Nessa situação, temporariamente desfavorável aos operários, devemos a Justiça conceder um ridículo aumento de salário para os trabalhadores de panificação e moagem. Os operários interpretam que a intervenção da polícia no movimento, influiu na decisão da Justiça, que concedeu um aumento de salário muito aquém das necessidades dos operários. Nessas condições, os operários empunham forte e insubornável para não ser desmoralizados pelo aumento de salário concedido em forma que permita a sua origem de classe, encaminhar suas reivindicações livres da influência da assessoria sindical, órgão governamental que nada faz em benefício dos trabalhadores. No regime capitalista para os trabalhadores e conseguem melhor salarial e de condições de trabalho fundamental é confiar nas suas próprias forças organizadas e na solidariedade e cooperação da classe operária em outros setores profissionais. Os trabalhadores em padarias e moageiros reconhecem a solidariedade do Conselho Sindical e dos Sindicatos da Orla Marítima que se arremeteram a fim de paralisar o trabalho em solidariedade aos grevistas.

O governador Cid Sampaio demonstrou que está disposto a intervir aberta e violentamente no movimento operário: a unidade e solidariedade efetiva dos trabalhadores de diversos setores profissionais é imprescindível para a vitória das lutas que se avizinham. Apesar dos grevistas terem recebido considerável solidariedade moral e material, observamos, que frente à intervenção militar, os grevistas só poderiam prosseguir na luta e obter maior vitória contra o truete imperialista do trigo se a solidariedade dos trabalhadores se expressasse em greves de protesto contra a intervenção policial do governo e na defesa do direito de greve assegurado na Constituição da República.

Os operários de panificação e molinos saliram dessa luta, não com um sentimento de derrota, ao contrário, estão convencidos de que travaram uma luta contra um poderoso inimigo do povo brasileiro, o imperialismo norte-americano. A luta mostrou à opinião pública quanto é grande a influência do Molino Recife no governo do Sr. Cid Sampaio, Governador que promete defender as liberdades democráticas. Entretanto, em vez de garantir o direito de greve, joga a sua polícia contra os grevistas, como ocorreu nos dias estadunidenses. Do Sr. Cid Sampaio, usinista e capitalista ligado aos imperialistas, não poderia se esperar que se fosse colocar contra sua classe e defender os operários. Só um governo independente, saído das mãos do povo trabalhador, defenderá os interesses da Nação e dos trabalhadores.

Do Norte ao Sul: apoio ao reatamento com a URSS

A Assembleia Legislativa de Alagoas, por proposta do deputado Mendes de Barros, aprovou por unanimidade um voto de congratulações ao Conselho de Ministros pelo reatamento de relações diplomáticas com a União Soviética.

Após justificar seu requerimento, o líder da oposição na Câmara declarou: "o reatamento de relações diplomáticas e comerciais vem restituir nossa maturidade política, comprovando, desta forma, através do ato governamental, que nós não devemos confundir política com religião."

VEREADORES

Com apenas um voto contra, a Câmara de Vereadores de Macéió, também aprovou moção de apoio ao ato do governo, por iniciativa do vereador Renalvo Siqueira.

Resposta ao leitor

Recebemos do vereador Everardo Público de Castro, Sec. da Câmara Municipal de Vitória da Conquista (BA), uma cópia do ofício enviado ao ministro das Relações Exteriores congratulando-se pelo reatamento de relações diplomáticas com a União Soviética, aspiração progressista de elevados setores da população nacional.

CONTRA A GARESTI

O leitor H. Alves, de Recife, Pernambuco, escreve-nos extensa carta através da qual apresenta opiniões e sugestões sobre a forma de conduzir a luta do povo brasileiro contra o imperialismo norte-americano e pela emancipação nacional. Diz o leitor que uma das formas mais justas de unir e organizar o povo é desencadear uma intensa campanha nacional contra a carestia, mostrando através dela os prejuízos que acarreta para o país a dominação econômica do imperialismo.

SUGESTÃO

O leitor Peres Braga sugere-nos a publicação de novos serões em NOVOS RUMOS. As sugestões foram encaminhadas e estão sendo estudadas.

LUCIANO LACERDA

Faleceu no Hospital Getúlio Vargas, em Teresina (PI), o advogado, jornalista e poeta Luciano Lacerda, nascido em Aracaju (SE), em 1914, desde muito cedo Luciano entregou-se às lutas populares, prestando inestimáveis serviços ao proletariado e ao povo de vários Estados brasileiros. Tendo ingressado no Partido Comunista em 1948, iniciou, várias vezes foi preso, mas apesar de todos os sofrimentos jamais sua coragem política foi dobrada.

Bairros cariocas instalam FLN

Foi organizada, em assembleia realizada dia 26 de novembro, a comissão executiva da Frente de Libertação Nacional dos bairros Catete, Laranjeiras e Flamengo.

A comissão, que se propõe lutar pelas diretrizes traçadas na Declaração de Goiânia, ficou assim constituída: presidente, dr. Clodomir Leite Alcanforado; vice-presidente, deputado José Frejat; secretário-geral, Paulo Galante Konrath; tesoureiro, Heitor Pedro da Silva; lo, tesoureiro, João Madaleno da Silva; secretaria de propaganda, Elizabeth S. Nascimento e Dulcina Bandeira.

JUIZ DEFENDE REFORMA

A mesa que dirigiu os trabalhos, no ato de fundação do Comitê de Apoio e Organização da Frente de Libertação Nacional, no momento em que falava o dr. Sivalva Reis.

Laranjeiras não quer jorna' socialista na Bahia e invoca Lei de Segurança

Salvador, dezembro (Do Correspondente) — Alegando que há determinação do Departamento de Correios e Telégrafos, proibindo a recepção e distribuição de revistas editadas nos países socialistas, o chefe do Tráfego Postal do DCT na Bahia, sr. Rodolfo Laranjeiras, afirmou a imprensa local que continuaria aprendendo livros e revistas da União Soviética e dos países de democracia popular.

Arrespondeu o sr. Laranjeiras que assim continuaria agindo, até que receba ordem em contrário, não importando o fato de o Brasil já ter reatado relações com a URSS e mantido com vários outros países socialistas. E disse ainda que vem cumprindo rigorosamente a Lei de Segurança Nacional.

Como indica sua posição frente às questões culturais, o sr. Laranjeiras e um cidadão retrogrado, ultrapassado, antiquado e de assinaladas tendências fascistas. E é ultrapassado não apenas nas ideias, mas na própria idade o tempo limite para se aposentar, o que ainda não sucede porque é elemento do grupo dos srs. Tarlé e Gustavo Borges, cuja política tem criado todos os entraves aos serviços da repartição.

Paraná vai Funda FLN e Exige Reforma Agrária

Curitiba (do correspondente) — Animados pela apresentação de suas reivindicações imediatas, consubstanciadas na conferência "Reforma Agrária, questão de urgência", mais de 200 famílias camponesas, 450 pessoas, reunidas no auditório da Rádio Cultura de Paraná, aceitaram, cabalmente, as teses apresentadas e sob intensa aclamação aprovaram a formação do primeiro Comitê paranaense de apoio à Frente de Libertação Nacional.

Eleito pela assembleia camponesa com a finalidade de apoiar a Frente de Libertação Nacional e organizar em caráter definitivo o núcleo de Paraná da Frente de Libertação Nacional, o Comitê ficou assim constituído: dr. Sivalva Reis, juiz de direito aposentado; Rondon Toledo, professor secundário; Antônio Rolaise Lacerda, presidente do PSB; dr. José Maria da Silva, médico chefe da Santa Casa e vereador do PTB em S. Carlos do Ivaí; Vivaldo de Oliveira, vereador do PTB; Ulisses Faria Bandeira, vereador do PSB; Raimundo de Souza Arruda, dirigente do PTB.

Foi combinado durante a própria assembleia camponesa que, possivelmente em janeiro, será lançado em comício público o núcleo paranaense da Frente de Libertação Nacional, contando o ato com a presença do governador Leonel Bri-

REFORMA AGRÁRIA

Até o momento, a comissão de apoio à Frente de Libertação Nacional, organizada em Curitiba, reuniu-se em audiência de rádio cultural, mais de 200 famílias camponesas, 450 pessoas, reunidas no auditório da Rádio Cultura de Paraná, aceitaram, cabalmente, as teses apresentadas e sob intensa aclamação aprovaram a formação do primeiro Comitê paranaense de apoio à Frente de Libertação Nacional.

1) — Em 26-11: formação em Paraná da seguinte comissão para estudo do problema da reforma agrária: Umberto Machado, advogado; José Martins, presidente da Associação dos Empregados no Comércio; Antônio Homem de Costa, bancário e orador oficial da UPES; Sivalva Reis, juiz de direito aposentado; Rondon Toledo, professor; Genesio Homem de Oliveira, presidente da UGTP; José Stroppa, presidente da Associação dos Trabalhadores Agrícolas do Vale do Ivaí (ATAVI).

2) — Em 31-12: reforma agrária imediata, com entrega de 25 a 50 hectares de terra para cada família camponesa, pagável em 30 anos; empréstimo de 200.000,00, pagável em 10 anos, a baixo juro; entrega de uma casa pré-fabricada a cada família camponesa que receba seu lote; construção de escolas primárias, com programa especializado



A mesa que dirigiu os trabalhos, no ato de fundação do Comitê de Apoio e Organização da Frente de Libertação Nacional, no momento em que falava o dr. Sivalva Reis.

Amor Valentim

A greve dos trabalhadores do Molino Recife e padarias revelou alguns aspectos interessantes para o movimento operário pernambucano. Esses trabalhadores são filiados a um só sindicato. Entretanto, ao reivindicarem melhores salários a Justiça do Trabalho desmembrou o pedido de aumento em dois dissídios coletivos, separando os operários do Molino que reivindicavam 80 por cento de elevação nos salários, dos trabalhadores em padarias, que reivindicavam 60% de aumento. As tentativas realizadas em busca de um acordo entre os patrões e os operários não se tornaram possíveis porque os patrões, irredutíveis, ofereceram 16 por cento de aumento, o que representava uma inibição frente às necessidades da classe. A lentidão da Justiça trabalhista, a intransigência dos patrões e a alta zerziginosa do custo de vida foram os principais fatores que levaram esse setor profissional à greve. A paralisação total das atividades do Molino Recife, durante seis (6) dias, foi uma demonstração de força e empenho dos trabalhadores. Entretanto, essa mesma unidade não se verificou entre os operários em panificação. Os proprietários de padarias tiveram condições de pôr em funcionamento seus estabelecimentos, utilizando, para isto, operários inconstantes, que furaram a greve; pessoas que recebem benefício do Instituto por motivo de doença, operários vindos do interior e pessoas não sindicalizadas.

Os piquetes de greve realizaram um importante trabalho, no sentido de esclarecer a opinião pública das razões que levaram a classe à greve. Mas esse trabalho não teve a profundidade necessária nas padarias, porque o governo do Estado, através da Secretaria de Segurança, colocou a polícia armada até os dentes nas panificadoras, a fim de evitar a ação dos grevistas, protegendo os patrões e estimulando os fura-greves.

INCONSEQUÊNCIAS DO PREFEITO IBERÊ DE MATOS

Agliberto Azevedo

Eleito por grande massa popular, justamente porque demagogicamente levantou uma bandeira nacionalista e democrática, dizendo-se defensor dos trabalhadores e do povo contra os tubarões, defensor das liberdades democráticas e da soberania pátria contra os grandes trusts internacionais que nos exploram, o gal. Iberê de Matos vem tomando posições duvidas, contraditórias que, no essencial, resultam em colocar-se contra as classes trabalhadoras e o povo, em benefício dos tubarões.

Na luta dos motoristas, cobradores e outros funcionários das empresas de transporte coletivo da Capital pelo reajustamento salarial, começou tentando subordinar esse reajustamento ao aumento das tarifas dos ônibus, como estavam pressionando as empresas. Mas foi derrotado na própria Comissão de Transporte Coletivo da Prefeitura, em consequência da firme posição tomada pelos representantes sindicais, estudantes e da Câmara de Vereadores, e em face da vontade dos trabalhadores que foram à greve em vista das manobras tapadoras dos patrões, que apoiava. Declarou então a greve ilegal, lançou tropas da polícia e outras guarnições contra os grevistas. Mas, diante da firmeza dos trabalhadores em greve, forçado a admitir um acordo, procurou fazê-lo em bases as mais baixas.

Novamente está em jogo o problema do aumento das tarifas, estudantes e da Câmara Municipal, demonstrando com dados concretos a chantagem dos proprietários das empresas, que propostamente apresentam despesas não feitas procurando provar a validade de suas exigências tarifárias, se colocam firmes contra o aumento, por considerarem-no absurdo, lesivo aos interesses da população curitibana, o sr. prefeito encampa como justas as pretensões das concessionárias. Não tempo conseguido impor o aumento das tarifas antes do reajustamento salarial, agora lança mão desse antigo reajustamento para tornar efetivo o aumento das tarifas dos ônibus.

Não há outra alternativa: ou o próprio povo se mobiliza, realizando poderosas demonstrações de protestos com abaixo-assinados e atos públicos em apoio aos representantes das entidades sindicais, estudantes e do representante da Câmara Municipal na CMTC, contra qualquer aumento das entidades sindicais, estudantes e do representante das passagens dos ônibus, ou o sr. Iberê de Matos, contra os interesses dos trabalhadores e povo que o elegeram, sancionará a monstruosidade desse novo aumento. A solução está nas mãos do próprio povo.

JUIZ DEFENDE REFORMA

A mesa que dirigiu os trabalhos, no ato de fundação do Comitê de Apoio e Organização da Frente de Libertação Nacional, no momento em que falava o dr. Sivalva Reis.

Maranhão: Dois Mil Camponeses Desfilam em Coroa e Exigem Reforma Agrária Imediata

São Luiz, dezembro (Do Correspondente) — Mais de dois mil lavradores, criadores, proprietários e personalidades de todo o Estado reuniram-se em mesa-redonda, nos dias 10 a 12 deste mês, em Coroa, para discutir o problema da terra e a situação do homem do campo. A reunião foi convocada pela Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Maranhão e contou com a participação de delegados dos mais importantes municípios, entre os quais Rosário, Ita, Penca, Cantanhede, Bacau, Bau, Caxias e Gonçalves Dias.

PASSEATA
Os trabalhos da mesa-redonda foram presididos pelo deputado José Bento Neves, assessor jurídico da Associação dos Lavradores. Antes da instalação, foi realizada uma movimentada passeata pelas principais ruas de Coroa, quando milhares de camponeses desfilaram exigindo a entrega das terras pertencentes aos latifundiários.

RESOLUÇÕES
Após intensos debates, foram aprovadas as seguintes resoluções:
Considerando que o Primeiro Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil tomou conhecimento da vida do homem do campo, em âmbito nacional, essa Mesa-Redonda resolve:

1) — Considerando que não existe lei que autorize a cobrança de foros, razão por que há uma disparidade de critérios na forma de pagamento dos mesmos, exis-

tindo, inclusive, certo número de supostos proprietários que não os cobram, a Associação fica de acordo com estes últimos e recomenda a todos os lavradores, desta data em diante, não mais pagarem foro aos que o estiverem cobrando. As lavouras deverão continuar sendo cultivadas e os seus produtos que não a garantia das mesmas, deverão ser vendidos pelo melhor preço do comércio.

2) — Considerando que a lei fixa a zona de criação distante da zona destinada à lavoura, recomenda aos senhores criadores afastarem seu gado da zona da lavoura, e aos lavradores, recomendar-se que não consentirem o gado devastar suas roças;

3) — Considerando que as formas de despejo absurdas, levadas a efeito pelos cartórios e policiais, têm causado grandes prejuízos aos lavradores e à Nação, recomenda que sejam proibidos, terminantemente, os despejos salvo os necessários judicialmente e mediante indenização, em dinheiro, das benfeitorias realizadas pelos lavradores na terra;

4) — Considerando que a lei de terra do Estado fixa a garantia de 25 ha, para cada morador com mais de cinco anos de ocupação da terra, recomenda que seja feito o levantamento imediato das terras devolutas do Estado, particularmente neste município, que estão ocupadas sem o registro do Departamento de Terras e Colonização, etc., que seja fornecido, gratuitamente, o título de posse aos respectivos ocupantes, com todos os direitos garantidos;

5) — **Problema do Babau** — Considerando constituir o babau um dos problemas básicos da economia maranhense, sendo o mesmo uma riqueza natural, considerando que o coco é quebrado pelos lavradores, suas mulheres e filhos nas condições de sujeição impostas pelos supostos donos de terra, que compram as amêndoas por meio de vale e por preço inferior ao corrente no comércio livre, e recomenda que desta data em diante, esse produto seja liberado concedendo-se ao comprador no local onde for quebrado o coco a diferença de dois cruzeiros, em relação

ao estabelecido no mercado livre, devendo o pagamento ser efetuado em dinheiro; enquanto não vier a lei de reforma agrária para o livre e definitivo aproveitamento do babau, a compra do mesmo deverá ser fiscalizada pela Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Maranhão.

6) — **Educação para o homem do campo** — Considerando que o homem do campo constitui a maioria da população maranhense e vive a situação de mais brutal ignorância, recomenda ao sr. governador e aos prefeitos a abertura imediata de escolas primárias assegurando às crianças e adultos o direito à alfabetização gratuita, de acordo com a Constituição Federal;

7) — **Saúde** — Considerando que existe na sede deste município um hospital e uma maternidade que poderiam prestar grandes serviços ao povo e que, no entanto, estão injustificadamente fechados há quase um ano, em que pese os salários pagos pelo Estado a seus funcionários, sendo, ainda, do conhecimento do deputado Eurico Barilomeu Ribeiro e do presidente da Associação, Padre Antônio Vieira que, neste ano, várias verbas já foram destinadas aos referidos estabelecimentos, concorda a todos, levantarem os seus protestos e exigirem o imediato funcionamento do hospital e da maternidade, a fim de que seja prestada um mínimo de assistência aos trabalhadores da cidade e do campo.

8) — **Luz** — Considerando que a eletricidade é um fator de progresso sentido pelo povo, solicitamos ao sr. prefeito municipal que, junto ao povo, exija dos poderes constituídos do Estado e da República os recursos necessários ao restabelecimento imediato da energia elétrica.

9) — **Ramal Coroa** — Considerando que o ramal ferroviário Coroa-Independência presta grande serviço ao povo, particularmente aos lavradores do município de Coroa, reiteramos o nosso protesto pelo descaço para com esse ramal e exigimos dos poderes competentes o seu imediato funcionamento; seja enviado telegrama do povo ao sr. presidente da República, ao Conselho de Ministros, à Câmara Federal e ao Senado, etc., a fim de que seja dado prosseguimento ao ramal Coroa-Independência.
Coroa, 10 / 12 / 1961.

SOBRE O CARÁTER DA REVOLUÇÃO CUBANA

Em abril de 1961, foi definido oficialmente o caráter socialista da revolução cubana. Há algumas semanas, Fidel Castro declarou que, há vários anos já, é um marxista-leninista.

Surgiu uma onda em torno dos dois episódios. Deviam ou não os dirigentes cubanos definir com toda a clareza o verdadeiro caráter da revolução? Antes mesmo destas definições, que estava sendo realizado em Cuba, senão um programa de construção do socialismo?

Nada melhor para esclarecer a realidade cubana atual que o artigo do dirigente comunista cubano Blas Roca, no último número de PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO (nº 10/61), que acaba de ser posto à venda. Este momento artigo mostra como algumas pessoas preferem as palavras aos fatos. Se a revolução cubana não se definiu como socialista, deixaria de sê-lo?

FPIS continua com sua seção de intercâmbio de opiniões, desta vez com dois temas: «Que futuro espera a humanidade?» (intervem José de Castro e outros) e «Os comunistas e a juventude».

ISEB: CONFERÊNCIAS SOBRE RELAÇÕES BRASIL-URSS

Tendo em vista a importância e a polémica suscitada pelo restabelecimento de relações diplomáticas e culturais do Brasil com a União Soviética e a fim de melhor esclarecer e debater a questão, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) realizará a partir do dia 4 de janeiro um ciclo de palestras sobre o assunto. Paralela à palestra inicial o jornalista Paulo Silveira (de Última Hora), que recentemente esteve em viagem de estudos e observações na URSS. O tema de sua conferência será: «Aspectos gerais e implicações do restabelecimento».



IANQUE NO! Cuba: um povo venceu a contra-revolução e a agressão externa e começou a construir o socialismo. A derrota dos invasores em abril constituiu um dos mais sérios golpes sofridos pelo imperialismo na América Latina. A vitória das milícias de Fidel foi saudada com entusiasmo por todos os povos irmãos do Continente.

1961 - Vitórias da Paz e da Coexistência Pacífica

Para o mundo, a manutenção da paz; para a América Latina, a preservação da independência de Cuba, a libertação da República Dominicana da tirania de Trujillo, e derrota do golpe militar no Equador; para a América Latina, a vitória da democracia no Equador; para a América Latina, a vitória da democracia no Equador; para a América Latina, a vitória da democracia no Equador.

Para o mundo, a manutenção da paz; para a América Latina, a preservação da independência de Cuba, a libertação da República Dominicana da tirania de Trujillo, e derrota do golpe militar no Equador; para a América Latina, a vitória da democracia no Equador; para a América Latina, a vitória da democracia no Equador.

Para o mundo, a manutenção da paz; para a América Latina, a preservação da independência de Cuba, a libertação da República Dominicana da tirania de Trujillo, e derrota do golpe militar no Equador; para a América Latina, a vitória da democracia no Equador; para a América Latina, a vitória da democracia no Equador.

Para o mundo, a manutenção da paz; para a América Latina, a preservação da independência de Cuba, a libertação da República Dominicana da tirania de Trujillo, e derrota do golpe militar no Equador; para a América Latina, a vitória da democracia no Equador; para a América Latina, a vitória da democracia no Equador.

Para o mundo, a manutenção da paz; para a América Latina, a preservação da independência de Cuba, a libertação da República Dominicana da tirania de Trujillo, e derrota do golpe militar no Equador; para a América Latina, a vitória da democracia no Equador; para a América Latina, a vitória da democracia no Equador.

BRITO E BEZERRA
Desejam aos seus clientes e amigos um feliz NATAL e Próspero Ano Novo.
1961 1962
Fortaleza Ceará

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS GRÁFICAS DO ESTADO DA GUANABARA
Sede: Av. Pres. Vargas, 529 — Tel.: 43-1911
Rio de Janeiro — Guanabara
A Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas do Estado da Guanabara transmite aos seus associados, a todos os trabalhadores gráficos e às suas famílias, sua mensagem de Boas Festas, desejando um próspero 1962, com novas vitórias e conquistas para a classe.
A DIRETORIA

Rebelião no Presídio Contra Regime da Fome e do Terror

(Conclusão da 1ª página)
Líderes de dois mil cruzeiros, tinham o direito de ocupar o pavilhão Seabra Fagundes, e melhor do Presídio. Ronaldo Castro, matador de Aída Curi, tinha televisão, vitrola e ar condicionado em sua cela. Recebia visitas a vontade e saía duas vezes por semana. Enquanto isso, outros sofriam espancamentos e não tinham assistência médica. Falava água para os detentos, que tinham apenas oito minutos para o banho diário. A maioria nem chegava aos chuveiros, precisando pagar dez cruzeiros para um banho "extra". Falta de higiene completa, com a roupa de cama levando às vezes um mês para ser mudada.

DANDO vazão a sua irremediável vocação de policial, amplamente demonstrada com sua função de guarda-admoneiro no caso do late Aleles, o governador, tendo a precaução de só ir depois da rebelião dominada, foi posar de comandante da repressão. Vendo os detentos delatados de brucos no pátio, teve uma crise de nervos — ele é muito sensível — pensando que estavam mortos e quixoticamente demitiu o diretor da penitenciária vizinha, que abafou a revolta. Para não perder a ocasião, fez seu discurso, fanfarronou: "Nada faremos sob ameaça, não aceitaremos qualquer imposição."

E AVISOU que desde aquele instante o diretor do Presídio, Vitor Mehry, estava afastado de suas funções. A rebelião não foi uma ameaça, a reivindicação dos presos para afastar o diretor não foi uma imposição. O governador agiu assim porque é um moralizador, porque acabou com as deficiências no sistema presidiário (ele anunciou isso na televisão) e porque assim atinge a sua 323ª realização.

A PACIFICAÇÃO dos presos teve aspectos revoltantes. Para reprimir um movimento de origens justas, foi usado cerrado tiro de metralhadoras. Os próprios aleijados foram obrigados a humilhação de rastejar, funcionou o "corredor polonês", com um espancamento selvagem dos amotinados, e um deles, já dominado, com as mãos para o alto, foi assassinado fragmente, pelas costas, na caixa d'água.

No Continente africano tampouco foram mais felizes os colonialistas e imperialistas. Ao iniciar-se o ano, o insolente presidente de Caxanga, na jovem República do Congo, proclamava a independência daquela povoação, numa tentativa de manter ali os interesses do poderoso Império Internacional da União Miniere. Tão logo, desmoronou-se em violências as quais culminaram com o monstruoso assassinato do patriota e herói congolês, Patrice Lumumba, derrubado. O ano de 1961 terminou com a derrota de Tshebe e sua criminosa e sangrenta aventura. O Congo está mergulhado em profundas dificuldades, não se excluindo a possibilidade de certos círculos imperialistas — sobretudo da Inglaterra, França e Bélgica — voltarem a usar os separatistas, demoralizados agentes seus como Moisés Tshombe.



HOMEM NO COSMOS
1961 marcou a entrada do homem no espaço cósmico. Gagarin (na foto com Krushchiov), foi o primeiro a voar num satélite em torno da Terra. Depois foi Titov. Ambos marcaram o avanço espetacular da União Soviética no domínio da astronáutica.

Outra aventura dos colonialistas que terminou em malogro foi a infame agressão da França contra a Tunísia, em julho, ocupando a base de Bizerta, bombardeando criminosamente populações civis. Era o despojo do Governo de de Gaulle ante a impossibilidade de esmagar a Argélia. Condenada na ONU, a França no mundo, a agressão francesa na Tunísia deu resultados negativos aos colonizadores. As forças francesas foram

obrigadas a um vergonhoso recuo. Os povos coloniais ficaram conhecendo melhor de que estão são feitos os degaullistas, que passam de pacifistas, enquanto acusam os argelinos de intransigência nas negociações de paz para a Argélia. E durante mais um ano a Argélia resiste heroicamente a colonizadores franceses, rotundamente, as vitórias esperadas de muitos, em seu domínio. Fracassou, igualmente, na Argélia, a tentativa dos ultra-reacionistas antigegaullistas, de desferirem um golpe militar para impostrar um terror ainda mais sangrento contra o povo argelino.

Fez com chave de ouro o ano de 61 para os povos coloniais — Portugal, por um dos últimos vestígios de seu multissecular domínio colonial na Ásia, Goa, Damão e Diu foram, neste mês de dezembro, libertas em algumas horas, pelas tropas indianas. A Índia, depois de séculos e meio, recobra sua integridade territorial. Nas antigas possessões salazarianas, sua política de liberdade e contra o regime fascista imposto por Salazar. Em Angola foi destruída a bandeira de luta contra o colonialismo português.

Não lograram os povos ver resolvido, no entanto, o mais grave dos problemas internacionais que os persegue desde o fim da Segunda Guerra Mundial: o Tratado de Paz com a Alemanha, a Alemanha permanece dividida, e a cidade de Berlim, no coração da República Democrática Alemã, constitui hoje um centro de provocações de guerra e espionagem das potências ocidentais. Por mais de uma vez durante o ano que finda, Berlim esteve a ponto de tornar-se o estopim de um sério conflito que poderia arrastar o mundo a guerra. Em agosto as coisas chegaram a uma situação extremamente crítica e os alemães orientais, o Governo da RDA, tiveram que adotar medidas de emergência, sem as quais a guerra nuclear poderia ter deflagrado.

Tudo indica que o ano de 1962 verá resolvido o grave problema alemão. A URSS reclama o seu reconhecimento, mediante o qual patife que foi a principal vítima da agressão alemã na Segunda Guerra Mundial. Nos últimos dias Kennedy e Mac Millan entraram em contato direto para tratar em questão alemã e a posição das potências ocidentais no assunto. As divergências são sérias entre as potências ocidentais, e o problema da paz não pode estar definitivamente a mercê de mesquinhas e egoístas interesses de círculos financeiros internacionais, empenhados em negócios de guerra. A situação no mundo é outra, e esses círculos não podem mais impor sua vontade ao mundo.

Para o Brasil, no campo internacional o ano de 1961 foi altamente positivo. Ampliaram-se logo no início do ano nossos relações comerciais com os países socialistas, abrindo-se novas perspectivas para o nosso comércio exterior. Avançamos

mais ainda; restabelecemos relações diplomáticas com a União Soviética, Hungria, Bulgária e Romênia e mantivemos os primeiros contatos oficiais com a China Popular. Foi altamente auspicioso para o reforçamento da paz mundial, estas iniciativas do Governo brasileiro causaram fundo descontentamento, entre a reação nativa e em alguns círculos internacionais interessados na "guerra fria" e em monopolizar o comércio brasileiro. Damos, assim, alguns passos consideráveis no sentido de romper os obstáculos a uma política exterior independente.

O ano de 1961 demonstrou as enormes possibilidades que existem para manter a paz existente entre os povos, resolver mediante negociações os mais graves problemas internacionais, incheimmente, para estes objetivos, o papel da ONU foi bastante eficaz durante o ano que finda. A ONU, com uma amplitude que não se via nos seus limites, pôde atuar em favor da paz e da coexistência pacífica entre os povos. A ONU, com uma amplitude que não se via nos seus limites, pôde atuar em favor da paz e da coexistência pacífica entre os povos. A ONU, com uma amplitude que não se via nos seus limites, pôde atuar em favor da paz e da coexistência pacífica entre os povos.

Expressão desta nova e da unidade dos Partidos Comunistas em âmbito internacional foi o XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Reuniu em um Moscow representantes dos Partidos Comunistas e Operários de todo o mundo. No 1º dia do Congresso, com um dele foi aprovada o novo Programa do P.C.U.S., que traça o plano geral da construção do socialismo. Um dos pontos altos do Congresso foram os pontos estorvos empregados para a desorganização e extinção das forças da direita e perseguição de Stalin, que representa na prática, maior democratização da sociedade soviética.

O XXII Congresso do P.C.U.S. assumiu uma nova etapa no movimento comunista mundial: os comunistas empenhados para a construção do socialismo, em um prazo de vinte anos, da nova sociedade socialista comunista desvendada nos países socialistas, só ao povo soviético, mas a todos os povos. As grandiosas conquistas científicas, técnicas e culturais da URSS marcaram, aqui por diante em progresso, genética, as forças da URSS ultrapassaram todos os marcos acumulados por qualquer povo. A presença do campo socialista, no todo invencível, eliminou as guerras como instrumento de solução dos conflitos entre povos.

NR CONTA A HISTÓRIA DO MURO DE PEDRA

Um simples girar de dial e você, que está no seu apartamento situado na parte de Berlim que se convencionou chamar de Oriental, tem ao alcance dos olhos e dos ouvidos a imagem e a voz da outra Berlim: a que está ocupada pelos franceses, ingleses e norte-americanos, e que, não se sabe por que, a imprensa do mundo resolveu chamar de "livre".

Um giro no dial leva a você a liberdade de ver e ouvir que a "coca-cola" e o melhor refrigerante já fabricado na Alemanha, assim como de ver os saracotes bonitos e quase bem despidos "tomadas" por um ritmo que se usa chamar de alucinante e com uma "Trade Mark" bem característica de um grande país de além oceano. Depois disso, e muitas vezes com o honroso patrocínio da "coca-cola" (que está em quase todas) ou então de uma marca famosa de sabonetes ou cigarros, você tem a satisfação de ouvir uma arenga de um personagem mais ou menos famoso, o privilégio de ouvir o burgomestre Brandt. Algumas vezes, geralmente nas ocasiões mais difíceis, esse privilégio atinge as rádios do absurdo. Então, você pode ver e ouvir o "velho Konrad", Adenauer como é mais conhecido nas manchetes dos jornais.

A nos não tocou esse privilégio. A curiosidade de saber o que os do lado de lá dizem da situação no lado de cá nos levou, na primeira noite que passamos em Berlim Oriental, a girar o dial do receptor de televisão colocado no salão do hotel em que nos hospedamos. E preciso reconhecer, honestamente, que as "quase bem despidas" apresentadas pela "coca-cola" agradavam o nosso... paladar. Depois, com o rótulo pomposo de "noticiário (sic), veio a coisa. O nosso intérprete, bom amigo, deu o melhor de si. E quanto esforço e sacrifício deverá ter custado o trabalho, meu Deus! O homem que falava era um "conselheiro socialista" de Berlim Ocidental. O que pregava? A paz? A concordia? Suas palavras por acaso objetivavam o alívio da tensão na conturbada vida da cidade? Traziam alguma mensagem de esperança? Nada. A voz de "Berlim livre", como ele dizia, era carregada de sombras e ameaças...

"Nossos féis aliados não nos abandonarão — afirmava. Diariamente chegam mais soldados, mais tanques americanos para defender a nossa liberdade... Eles não sairão de Berlim, jamais..."

Depois disso tudo pedia calma aos habitantes da sua "cidade livre" ocupada por tropas inglesas, francesas e norte-americanas e prometia dias melhores... A reunificação sob a égide da Grande Alemanha, a derubada do "muro que situa a liberdade dos nossos irmãos berlinenses subjugados pela tirania comunista". Chegou a prognosticar a próxima revolta do povo de Berlim Oriental e de toda a República Democrática Alemã.

FOI o fim. O intérprete pediu água. E, nos compreendemos. Um novo giro no dial e voltamos a realidade.

TOMANDO O PULSO DA CIDADE

O carro percorreu célere a Unter den Linden. Ao longe, a Porta de Brandeburgo. Mais além um pouco, a fronteira: o muro que se tornou célebre e que ocupa as manchetes dos jornais do mundo ocidental quase diariamente. A fronteira entre a guerra e a paz, levantada na madrugada de 13 de agosto de 1961 por

milhares de berlinenses operários, estudantes e soldados.

A primeira impressão que se tem é chocante. Atravessamos o muro diante da Porta de Brandeburgo. Isso é possível porque as autoridades da RDA levantaram no alguns metros recuado da linha fronteira que separa a parte oriental dos setores de ocupação ingles, francesa e norte-americano. Na pequena terra de ninguém que se estabeleceu sentem-se a tensão no ar, a guerra nas proximidades. Ao longo de toda a fronteira é assim. Mas, somente ao longo da fronteira e esta é a verdade, para além dela, na parte ocidental onde hoje campeiam a histeria guer-

meia-noite. Ou então em Paris, ou Londres, ou Nova Iorque.

CONVERSA AO PÉ DO MURO

A primeira impressão não foi suficiente. Quisemos voltar ao muro, quando muito para tomar algumas fotos. Postar para uma modesta e particular posteridade em algumas delas. Essa visita, mais longa e demorada, permitiu uma conversa que se poderia dizer ao pé do muro e o registro de alguns flagrantes curiosos do dia a dia na fronteira entre a paz e a guerra.

A "fuga para a liberdade", como se diz no Ocidente com tanto alarde, foi te-

a fronteira nos dois sentidos: um carro com placa da Suíça, um casal de turistas ingleses que vinha fazer compras em Berlim democrática, um grupo de jovens da Suécia. As formalidades para cruzar a fronteira: apenas a apresentação do passaporte sem os inconvenientes do carimbo e outras exigências alfandegárias como se faz habitualmente.

A conversa prosseguiu no caminho para Friedrichstrasse, posto de passagem para veículos no setor americano que se tornou famoso em virtude das provocações realizadas em fins de outubro pelo exército dos EUA.

A situação quando ali estivemos era mais ou menos tranquila.

HA um mês atrás — disse-nos um miliciano — a coisa aqui quase pegou fogo. Eles prepararam tudo direitinho. Mandaram alguns oficiais a paisana num veículo militar e quiseram passar à força. Proibimos. O regulamento diz que apenas militares uniformizados das quatro potências podem passar. Eles eram militares mas não estavam uniformizados. E mais, não quiseram mostrar documentos. Então tiveram que voltar. Depois, vieram os tanques com equipamento especial para derubar muros. Vieram até a linha que divide os setores. Apontaram os canhões em nossa direção. Trouxeram inclusive desordeiros para nos provocar. Não fossem o sangue frio e a consciência dos nossos homens e algum incidente grave poderia ter ocorrido. No fim, depois que os nossos tanques chegaram, eles se foram.

EM Friedrichstrasse a tensão é maior, sempre. Mais do que nos setores inglês e francês. Os norte-americanos instalaram ninhos de metralhadora nos prédios, ergueram barricadas e procuram manter sempre grupos de provocadores na maioria jovens desocupados que ganham o seu sustento servindo ao histerismo guerreiro. Outra coisa caracteriza Friedrichstrasse: os dois postos de fronteira definem bem a situação alemã. No de cá, o socialista, os homens são alemães e a bandeira hasteada é a da República Democrática Alemã; no de lá, o capitalista, os homens que mandam são norte-americanos e a bandeira hasteada é a dos Estados Unidos. Afinal de contas, será livre a parte do território berlinense governada pelos alemães ou a dominada e ocupada pelos ingleses? Segundo a imprensa ocidental reacionária liberdade e dominação têm o mesmo significado.

O MURO E SUA HISTÓRIA

DIZEM que o muro foi construído para impedir as fugas. A verdade é que não é essa. A primeira resposta foi: as fronteiras entre a República Democrática Alemã e a República Federal de Adenauer são extensas milhares de quilômetros. Neles não há muros. Entretanto, não se ouve falar em fugas em massa de habitantes da RDA para a Alemanha Ocidental.

O que houve então em relação a Berlim?

CLARO que o tema fuga, sensível aos sentimentos do ser humano, foi explorado pelos ocidentais para esconder as verdadeiras razões que determinaram o estabelecimento de fronteiras entre Berlim Ocidental e a República Democrática Alemã. O primeiro deles foi o político. Berlim Ocidental, encravada no território da RDA, se transformara num perigoso foco de propagação e provocações anticomunistas. A não existência de fronteiras entre as duas partes da cidade facilitava ao máximo o trabalho de espões, sabotadores e provocadores de toda espécie. São numerosos

os casos de atentados contra a soberania do Estado alemão socialista, assim como os de desmantelamento de redes de espionagem e de grupos sabotadores. A atividade desses grupos, ultimamente, principalmente depois que a URSS propôs a assinatura do tratado de paz com a Alemanha, recrudescera de tal forma a por em perigo a própria paz mundial. Essa a primeira razão por que, na madrugada de 13 de agosto, para desespero de Adenauer e os militaristas e monopolistas que dominam a Alemanha Ocidental, o povo de Berlim democrática ergueu a fronteira entre a guerra e a paz.

A segunda é de natureza econômica, e nesse sentido tem dois aspectos. O primeiro: uma grande variedade de produtos e bens de consumo e vendida a preço bastante inferior aos vigentes em Berlim Ocidental. Essa situação estimulava a proliferação do comércio negro e o crescimento considerável da procura. Casos como o da manteiga, por exemplo, são típicos. Esse produto era colocado nos armazéns em estoques capazes de atender o consumo normal da população de Berlim democrática durante 30 dias. Havia escassez em que o produto, dois dias depois de aparecer no mercado, desaparecia. Moradores de Berlim Ocidental e agentes do comércio negro, adquiriam, pelas mais diversas formas, quase todos os estoques. Tudo sem que qualquer controle de fronteira, o que é normal entre países diferentes, existisse para impedir as irregularidades. O segundo refere-se a situação dos moradores de Berlim oriental que trabalhavam na outra Berlim. Além de se constituírem em verdadeiros parasitas do socialismo, pois trabalhavam e produziam para o capitalismo enquanto usufruíam os benefícios do socialismo, esses elementos ainda gozavam da situação privilegiada criada pela existência de um comércio artificial que colava o marco de Berlim Ocidental pelo valor de quatro marcos da RDA. Essa situação, inclusive, era estimulada pelos monopólios ocidentais instalados em Berlim para atrair mão-de-obra da Alemanha Democrática. E era para eles uma excelente situação, pois em virtude da situação cambial intrinsecamente artificial, pagavam baixos salários aos trabalhadores provenientes de Berlim democrática. Esse fato permitia-lhes também investir contra qualquer movimento reivindicatório de operários de Berlim Ocidental, ameaçando-os com a substituição por homens da outra Berlim.

A edificação do muro deu fim a essa situação e não é por acaso que levou ao desespero homens como Willy Brandt e seus assessores revanchistas e monopolistas. E já começa a dar resultados. Em novembro, pela primeira vez nos últimos anos, registrou-se uma greve em Berlim Ocidental.

A corrida pela fronteira, o longo muro de 40 quilômetros que separa Berlim Ocidental do mundo socialista, terminou logo depois que o oficial contara a história que teve como epílogo o dia 13 de agosto. Terminou em Heinestrasse, o último posto que permite o encontro dos alemães de lá com os alemães de cá. É a porta que poderá se alargar no dia em que os homens do Ocidente compreenderem que o tempo da ameaça já passou, em que o sonho louco dos Adenauers e seus generais nazistas seja dissipado pela ação energética do próprio povo alemão. Nesse dia, no dia em que no mastro de Friedrichstrasse volte a flutuar o pavilhão democrático da Alemanha e desapareçam para sempre os ocupantes e dominadores lanques, então sim, não haverá necessidade mais de uma fronteira em Berlim entre a guerra e a paz.



O MURO

Os jovens milicianos contam as aventuras do dia a dia na vida da muralha. Eles estão num setor mais ou menos calmo: o inglês. Mesmo assim, as vezes acidentem colas. São vigiados permanentemente, dia e noite, de uma guarnição instalada pelas tropas britânicas nas ruínas da velha Chancelaria.



POTSDAMER PLATZ

Por essa via transitam diariamente algumas centenas de pessoas e muitos veículos. São turistas que não acreditaram muito nas histórias de horror contadas pelos propagandistas do imperialismo e decidem ver por si como é a Berlim socialista. A maioria vai, gosta e volta, como os ocupantes suíços do carro que se vê na foto no momento em que recebia o ludo em ordem para passar.



AS BANDEIRAS DIZEM A VERDADE

Friedrichstrasse, setor americano e ponto-chave de todas as provocações organizadas de Berlim contra a parte socialista da cidade. As bandeiras dizem a verdade: do lado de cá, tremula o pavilhão da Alemanha socialista; do lado de lá, a bandeira das listras e estrelas dos EUA e os soldados lanques.

GANHAM PARA PROVOCAR

Impotentes para levar a população trabalhadora de Berlim ocidental a realizar manifestações e provocações contra os habitantes da parte socialista, as organizações nazistas e de espionagem germano-americanas recrutam grupos de jovens desocupados e promovem então algumas "espontâneas" contra os milicianos da RDA.

NOVOS RUMOS

BERLIM: FRONTEIRA DA GUERRA E DA PAZ

Reportagem de LUIZ GAZZANO enviado especial de NR

reira mais desenfreada que este mundo de após guerra já conheceu, o desespero de uma população que já começa a não acreditar nos seus líderes e profetas, nos falsos socialistas como Willy Brandt e nos apregoadores da ressurreição da "Grande Alemanha que surgirá das cinzas do Reich nazista".

"VIVE-SE mais tranquilamente hoje em Berlim democrática" — declararam o oficial da Polícia do Povo que nos levou a conhecer a famosa muralha. E não foi somente ele que disse. Muitos outros repetiram a mesma frase: operários, estudantes e intelectuais.

BERLIM oriental é uma cidade tranquila cujo povo, pelo menos a guarda imaginária, aguarda serenos os acontecimentos que se sucederão e está convencido de que tudo se arranjara pacificamente. Isso pudemos constatar percorrendo nós e livremente os diversos pontos da metrópole. E quando tivemos que conversar, durante essas andanças, o nosso intérprete era o menos oficial: um brasileiro amigo que estuda na Universidade Humboldt.

O que vimos na Berlim "subjugada pelo comunismo russo" como diziam o nosso eventual propagandista da televisão de Berlim Ocidental e centenas de cartazes colocados pelo governo "livre" ao longo da fronteira? Gente trabalhando, namorados passeando, milhares e milhares comprando a preços muito baratos nas grandes lojas do Estado, crianças correndo e brincando. Vimos Berlim à noite. Os teatros repletos (a Ópera, o Berliner Ensemble), os cafés-dancantes, uma vida noturna que fazia inveja à de qualquer grande capital do mundo ocidental. E não vimos prostitutas nessa vida noturna. Como se vê, por exemplo, nessa infeliz Copacabana de depois da

ma de conversa. E não foi difícil uma explicação. "Claro que elas se verificavam hoje isso não acontece mais". Os motivos? Os mais diversos. Por exemplo, a promessa de empregos fartamente remunerados que atingiam principalmente a pessoas de meia-idade sem consciência política e geralmente elementos provenientes do campo.

Jovens? Eram muito poucos os que ultrapassavam a fronteira para não mais retornar.

A verdade é que o tal do êxodo em massa, como afirmam os instrumentos de propaganda imperialista, não era tão maciço assim. Antes das potências ocidentais fabricarem a crise que culminou com o estabelecimento das fronteiras entre as duas Berlim, o que se verificava era um movimento nos dois sentidos (vimos as estatísticas oficiais), sendo que o limite de idade das pessoas provenientes da Alemanha e de Berlim Ocidentais era mais baixo do que o das pessoas que se deslocavam em sentido contrário. A questão se agravou depois da eclosão da crise e do início da intensa campanha dos meios de divulgação de Berlim Ocidental anunciando medidas de exceção, represálias que atingiam principalmente pessoas de um lado que tinham familiares no outro e elementos que tinham empregos em Berlim Ocidental mas residiam em Berlim Oriental.

A situação hoje, é outra. Muito mais do que o muro, a tranquilidade da situação na parte socialista da antiga capital e a política de paz do governo da RDA puseram fim a uma situação anormal.

ENQUANTO palestrávamos, isso em Potsdamer Platz (setor por onde transitam veículos e cidadãos estrangeiros entre as duas Berlim), vimos algumas dezenas de pessoas cruzarem

